

Modos de Fazer e Quizer

**a experiência citadina em Ensaio-Poético-Geográficos
(encontros, polifonias e afetos)**

Rafael Henrique Meneghelli Fafá Borges

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

RAFAEL HENRIQUE MENEGHELLI FAFÁ BORGES

Modos de Fazer e Quizer

a experiência citadina em Ensaaios-Poético-Geográficos
(encontros, polifonias e afetos)

VITÓRIA

2021

RAFAEL HENRIQUE MENEGHELLI FAFÁ BORGES

MODOS DE FAZER E DIZER

a experiência cidadina em Ensaio-Poético-Geográficos
(encontros, polifonias e afetos)

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Geografia, na área de concentração Natureza, Produção do Espaço e Território.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Queiroz Filho.

VITÓRIA

2021

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

B732 Borges, Rafael Henrique Meneghelli Fafá, 1990-
m Modos de fazer e dizer : a experiência cidadina em Ensaios-
Poético-Geográficos (encontros, polifonias e afetos) / Rafael
Henrique Meneghelli Fafá Borges. - 2021.
105 f. : il.

Orientador: Antônio Carlos Queiroz Filho.
Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Cidade. 2. Encontro. 3. Experiência. 4. Linguagem. 5.
Experimentação. I. Queiroz Filho, Antônio Carlos. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e
Naturais. III. Título.

CDU: 91

Rafael Henrique Meneghelli Fafá Borges

**“MODOS DE FAZER E DIZER:
a experiência cidadina em Ensaio-Poético-Geográficos
(encontros, polifonias e afetos)”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Geografia.

Aprovada em 17 de novembro de 2021.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho (UFES)

Orientador e Presidente da Sessão

Prof. Dr. Igor Martins Medeiros Robaina (UFES)

Examinador interno

Prof. Dr. Rafael de Castro Catão (UFES)

Coordenador

Por: **Profa. Dra. Ana Cláudia Carvalho Giordani (UFF)**

Examinadora Externa

Prof. Dr. Rafael de Castro Catão (UFES)

Por: **Profa. Dra. Letícia Carolina Teixeira Pádua (UFVJM)**

Examinadora Externa

Prof. Dr. Rafael de Castro Catão (UFES)

Por: **Prof. Dr. Aldo Gonçalves de Oliveira (UFCG)**

Examinador Externo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
ANTONIO CARLOS QUEIROZ DO O FILHO - SIAPE 1715605
Departamento de Geografia - DG/CCHN
Em 17/11/2021 às 16:17

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/310260?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
IGOR MARTINS MEDEIROS ROBAINA - SIAPE 1730487
Departamento de Geografia - DG/CCHN
Em 17/11/2021 às 16:31

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/310284?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
RAFAEL DE CASTRO CATÃO - SIAPE 1416049
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGG/CCHN
Em 17/11/2021 às 16:37

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/310296?tipoArquivo=O>

Trata-se, então, de problematizar o modo como colocamos
juntas as palavras e as coisas, a linguagem e o mundo, o
inteligível e o sensível, o sentido e a experiência

Jorge Larrosa

RESUMO

Provocar encontros, esse foi o desafio deste trabalho. Encontros que transformassem, mobilizassem experiências com a e na cidade. Essa ação foi motivada por entendermos que o outro, como enuncia Gilles Deleuze, “é a expressão de um mundo possível”, a possibilidade de experimentar outras formas de fazer e dizer cidade que não a nossa; ou seja, o outro como essa dupla potência de variação, tanto na forma de ver como de dar a ver nossas experiências cidadinas. Neste trabalho, nossos esforços se voltaram para a variação do como dizer, para a maneira como damos a ver o que nos passa, pois entendemos que pensamento e ação estão imbricados; ou seja, transformar a forma de dizer-cidade também modifica a forma como agimos nela e com ela. Em vista disso, nos apropriamos das estéticas-políticas presentes em alguns textos e autores para a produção do que chamamos de ensaios-poético-geográficos: experimentações textuais produzidas com intercessores (nome dado por Deleuze aos encontros que mobilizam o pensamento a criar), que operam como potencializadores do exercício de escrever de outros modos sobre a, com a e a partir da cidade, de modo a experimentá-la nas múltiplas possibilidades discursivas e experienciais.

Palavras-chave: Encontros. Experiência Cidadina. Dizer-cidade. Intercessores. Experimentação Textual.

ABSTRACT

Provoking meetings, that was the challenge of this work. Encounters that transformed, mobilized experiences with and in the city. This action was motivated by our understanding that the other, as stated by Gilles Deleuze, “is the expression of a possible world”, the possibility of experimenting with other ways of doing and saying a city other than our own; that is, the other as this double power of variation, both in the way of seeing and showing our city experiences. In this work, our efforts turned to the variation of how to say, to the way we show what is happening to us, because we understand that thought and action are intertwined; that is, transforming the way of saying-city also modifies the way we act in it and with it. In view of this, we appropriated the political-aesthetics present in some texts and authors to produce what we call poetic-geographic essays: textual experiments produced with intercessors (name given by Deleuze to meetings that mobilize thought to create), which they operate as enhancers of the exercise of writing in other ways about, with and from the city, in order to experience it in multiple discursive and experiential possibilities.

Keywords: Meetings. Citadine Experience. Say-city. Intercessors. Textual experimentation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Captura de tela dos primeiros resultados pesquisando por "Cumuruxatiba" no Google Imagens.....	46
Figura 2 – Montagem das imagens contidas no artigo “Desviando Olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem”, apresentando a relação entre a obra do "tutor" e a produção de cada grupo.	47

SUMÁRIO

“Como se entra nesta tese?”

Essa é uma apropriação da pergunta feita por Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro *Kafka para uma literatura menor*, em que começam questionando: “Como é que se entra na obra de Kafka?” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 19). Pode ressoar, a princípio, como pergunta de quem procura uma resposta assertiva, a correta dentre as erradas, porém essa questão não entoa procura, busca, e sim dúvida. Dúvida de quem está diante de possibilidades, todas elas viáveis, capazes de serem vividas.

O que está em jogo em cada escolha é “com que pontos se liga por onde se entrar, por que cruzamentos e galerias se passa para ligar dois pontos, qual é o mapa do rizoma e como é que este, de repente, se modifica se se entrar por qualquer outro ponto” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 19). Rizoma é como Deleuze e Guattari adjetivam esse princípio das entradas múltiplas. Cada escolha de como entrar afetará a trajetória a ser percorrida, por onde passará, a experiência do percurso, as conexões e relações ao longo do deslocamento, da caminhada textual. Modificará a experiência da e na leitura.

Um rizoma opera impedindo “a entrada do inimigo, o Significante, e as tentativas para interpretar uma obra que, de facto, só propõe a experimentação” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 19). Essa é a proposta, experimentar este texto. Testá-lo em sua potência de criar possíveis. Outros possíveis. Outros possíveis para a organização de palavras que é este texto, para a cidade que é problematizada neste, com este e a partir deste texto, para a geografia que é meu modo de fazer.

A cada entrada, a cada novos cruzamentos produzidos por quem lê, o texto é reescrito, é remontado, continua a ser construído, a tornar-se outro.

Por isso a escolha da entrada não é definitiva, irrevogável. O ponto de interesse da pergunta não é o “como” e sim o “entrar”, a ação de se expor, colocar-se em relação, contato. Entre quantas vezes quiser e por quantas entradas desejar. Experimente. Cada vez que entrar, mesmo que seja pela mesma via, o texto não será o mesmo, você não será o mesmo, os caminhos conexões, cruzamentos serão outros. Será sempre [re]começo. Repetição que não reitera o mesmo, potencializa a diferença.

Não sabemos a priori quais afetos serão agenciados em cada entrada, pois “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’” (LARROSA, 2015, p. 34). Por isso experimentar, se expor, pois nosso interesse é em um conhecimento, um pensar, um processo de significação que vai sendo produzido na ação, relacional. Uma experimentação com o, no e do texto, e de si mesmo. Afetar e ser afetado.

Por isso, esta tese é convite, mas também, é partilha. Foi escrita a partir de locais que, para mim, se fazem moradas, habito, provocam memórias e afetos. É importante dizer que este não é um trabalho sobre esses locais, e sim, escritos a partir deles, textos produzidos por um corpo afetado, tomado, composto, atravessado também por essas moradas. Escrita produzida como experimentação dessas relações, dos encontros que ali foram e são oportunizados.

O professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo Alexandre Delijaicov, em uma palestra, disse que “a cidade é a casa e a casa é a cidade [...] Não tem sentido achar que a casa se restringe às quatro paredes e um teto, à soleira da porta” (DELIJAICOV, 2013). Casa é onde escolhemos habitar, onde escolhemos permanecer fisicamente, afetivamente, sentimentalmente, onde temos ligação sensível. E assim são as aqui dispostas. Casas de alguma forma ligadas a mim, que as ocupo, que nelas resido. Não só as que dão nome aos capítulos, mas as que lhes dão densidade, robustez, conteúdo.

Habito, portanto, endereços, livros, textos, artigos, palavras, autores, gestos, geografias, sentimentos, pessoas, memórias, corpos, enfim, um habitar plural e múltiplo. Todos se fazem casa, todos eu faço casa. Se a casa é a cidade e a cidade é a casa, todos esses carregam a possibilidade de experimentações urbanas, a eventualidade de um encontro cidadão. Todos esses podem me afetar de cidade. Encarnam uma entrada para um fazer cidade.

Cada parte desse texto, então, é um fazer-cidade criado nessas, com essas e a partir dessas relações, caminhos, conexões, afetos que essas entradas potencializam em mim e para mim.

Cada parte desse texto é, então, uma grafia de mundo criada nessas, com essas e a partir dessas relações, caminhos, conexões, afetos que essas entradas potencializam em mim e para mim.

A Casa da Lorena com seus gestos, encontros, geografias. A Sala do Grupo de Pesquisa (Rasuras) composta de experiências, cidades, polifonias. O ensaiar, partilhar e o transformar que a Casa da Vó agencia. A Cafeteria e seus estímulos sensíveis e inquietantes como o livro *Por Uma Geografia Bailarina*, do professor Queiroz, e as poesias e geografias que nele são entrelaçadas. A livraria com seus movimentos corporais, como a leitura do livro *O Torcicologologista, Excelência*, do Gonçalo M. Tavares, com seus diálogos e torções no pensar. Os Sorrisos faciais e letrais de Manoel de Barros. A casa dos Pais com suas possibilidades, eventualidades, aberturas. A Cidade(s) com sua pluralidade, multiplicidade, infinitudes de histórias até agora, de conexões feitas e que ainda podem ser realizadas.

Essas são partilhas de minhas experiências, como esses entrelaces me acometeram, transformaram-me. Quem as lê pode tomá-las para si, podem torná-las próprias. Não como modelo, manual, em busca de resultados semelhantes, mas como potência de variação. Tornar uma experiência própria está associado a repetir um processo criativo, porém os percursos, conexões e caminhos que serão percorridos serão outros, pois eles são resultantes da relação entre o sujeito da experiência e um acontecimento.

O que há aqui diz da escolha de escrever uma tese para ser rizoma e, com isso, configurar entradas múltiplas a serem experimentadas. No texto *A Escrita Rizomática*, Daniel Lins inicia dizendo que “o rizoma faz o múltiplo, mais do que o anuncia” (LINS, 2012, p. 8); ou seja, sua potência está na produção, na criação dessa pluralidade, ele é um operador de variações. Sua força está na ação de produzir diferenças.

Dessa forma, cada escolha de entrada dessa tese-cidade-rizoma, mudarão os caminhos que se passa, porque se passa, como se passa. Apostamos, pois, que essa “abertura é a força maior da partilha” (LINS, 2010, p. 57). O intuito é experimentar um texto aberto, que, apesar de uma provisória finalização, continue a partir do encontro com cada leitor.

Pensar em como se entra nesta tese, então, é um convite a experimentá-la em suas variações e experimentar-se nesse processo. A experimentar e experimentar-se

com, nos e a partir dos variados fazeres citadinos e se expor a criar outros a partir desses encontros, leituras, afetos que são mobilizados em cada entrada.

Um convite a estar disponível a percorrer caminhos outros, cidades outras, geografias outras, a percorrer e ser percorridos por um outro, na condição de outro, de diferente, de diferença. Um convite a fazer da inquietude, do desassossego, da variação, parte de nós mesmo, de compor nosso modo de fazer com essas forças, para que nosso dizer seja sempre transitivo, relacional, criado a partir do *entre* de um encontro.



Casa da Louca

Rua Sete

(Gestos - Encontros - Geografias)
Nº14



Casa da Vó

Rua Presidente Afonso Pena

(Experimentar - Partilhar -
Transformar)
Nº41



Sala do Grupo de Pesquisa
(RASURAS)

Avenida Fernando Ferrari

(Experiências - Cidades - Polifonias)
Nº22



Cafeteria

Rua Darcy Grijó

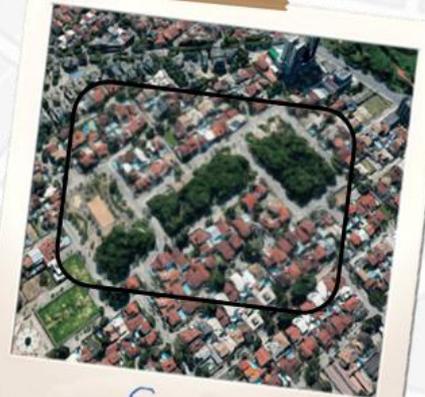
(Encontros cam-em-de cidades compostas)
Nº59



Livraria

Rua Dr. Olívio Lira

(Antes de grafar, lê (corpo, rua, mundo))
Nº68



Sorriso

Rua Piratininga

(Cidade quando transborda sorrisos
copoletrais)
Nº79



Casa dos Pais

Rua Diógenes Nascimento das Neves

(possibilidades, eventualidades, [re]começos)
Nº88



Cidade (s)

Bibliografia

Nº97

Rua Sete

(Gestos - Encontros - Geografias)

Encontrar com algo, com alguém de que se gosta, que se ama, que o faz sentir-se acolhido e bem. Encontros que permanecem, duram, ficam. Encontros que fazem dar suspiros de alegria, que são intensos, que fazem o coração bater mais forte. Encontros que modificam, transformam, mobilizam afetos, paixões, desejos. Encontros que fazem morada, são moradas, que nos habitam e habitamos. Encontros de uma vida, que nascem da vida e dão vida a minha vida.



Casa da Lorena

A Geografia, para mim, sempre foi uma aventura, desde quando decidi cursá-la ao final do ensino médio. Na dúvida entre ela e matemática, minha decisão foi tomada na hora do preenchimento do formulário de inscrição para o vestibular da Universidade Federal do Espírito Santo, no ano de 2008. Como o Sistema Unificado de Seleção - Sisu ainda não regia o ingresso de estudantes nas instituições de ensino superior públicas, decidíamos no ato da inscrição o curso e a universidade, para só depois fazer a prova.

Assim como acontece a muitos, minha decisão foi fortemente influenciada por um excelente professor de Geografia, ou pelo menos assim eu o entendia, que tive em minha vida escolar. Ele sempre tinha um encanto ao falar dos temas de suas aulas. Era um misto de gestualidade com as mãos, com os mapas, mudanças de tonalidade da voz, um olhar sempre muito compenetrado e apaixonado, que faziam parte de sua apresentação de 50 minutos, duas vezes por semana, em minha turma.

Após muito tempo, já no período deste trabalho de doutorado, li uma frase do filósofo espanhol Jorge Larrosa, em uma entrevista que concedeu a Camila Ploennes¹, subeditora da Revista Educação, que desde então carrego comigo como uma premissa: “A tarefa principal de um educador é fazer com que o mundo seja interessante”. Naquela época esse era meu encanto. A cada aula, novos elementos, circunstâncias, detalhes eram acrescentados e relacionados, que faziam o mundo ser mais interessante para este menino.

Tendo esse professor como entusiasmo, a caneta e o olhar não chegaram aos cursos cujos nomes começavam com a letra “M”. Foi uma escolha sem muito conhecimento do que viria pela frente, do que esperar. Pensei que, cursando Geografia, eu poderia ser para alguém o que aquele professor foi para mim.

Aprovado, matriculado, cursando Geografia.

Posso dizer que, no segundo período, aquele olhar apaixonado que eu buscava, de certo modo, encontrei. Não pelas temáticas geográficas, ou por uma aula de campo, ou pelas belezas das rochas, fósseis e minerais da sala de Geologia, e sim por uma pessoa, uma companheira, não só de curso, mas de vida, que morava na rua sete, e até hoje dividimos o percurso dessa aventura. A Geografia, que, desde a

¹ <https://revistaeducacao.com.br/2013/05/03/o-professor-ensaista/>

matrícula ouvi dos veteranos que era amor, tornou meu mundo mais interessante exatamente nesse sentido.

Os semestres foram passando, algumas disciplinas foram me chamando mais a atenção do que outras. A Cartografia Digital, durante algum tempo, atravessou intensamente minha formação. Fiz dois estágios nessa área e um curso técnico em Geomática pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Por alguns problemas de que não me recordo, um projeto de iniciação científica, nessa área, não foi adiante.

No sexto período perdi um pouco do encanto pela Cartografia Digital. Era um trabalho demasiadamente repetitivo nos estágios, e eu pouco aprendia e criava. Ficava vetorizando, apertando o mesmo botão do mouse, ponto após ponto, por horas e horas, o que me fez desanimar de seguir esse caminho. Hoje entendo que o problema não era a Cartografia Digital, e sim o uso que dela faziam, ou pelo menos, que me levavam a fazer.

No sexto período, outro fator, ou melhor dizendo, outro encontro, foi determinante para a mudança de minhas perspectivas no curso. Na disciplina Geografia da Mobilidade, um professor, pela segunda vez no curso, fez meus olhos transbordarem paixão, dessa vez sim, por temáticas geográficas, ou posso dizer, pelas tantas geografias possíveis. Esse foi o amigo-orientador-professor Antônio Carlos Queiroz Filho, neste texto chamado professor Queiroz, como sou acostumado a nomeá-lo, apesar de outras pessoas o conhecerem como Antônio Carlos, Carlos, Carlos Queiroz, ou quem só o conhece pelas palavras, (QUEIROZ FILHO). Escolhi assim, pois soava muito estranha uma formalidade excessiva no trato com alguém tão próximo.

De alguma forma, suas aulas me chamavam um pouco mais a atenção do que as outras de que já gostara. Eram temáticas muito próximas do meu cotidiano, do que vivia dia após dia. Os trabalhos e exercícios propostos sempre me tiravam do lugar-comum, demandavam criatividade, faziam pensar com mais calma em quais sensações e afetos iam sendo mobilizados no processo, e principalmente pensar de diferentes maneiras o tema de nossas produções. Passei a me importar com detalhes, fragmentos, nuances, levezas que antes não imaginava que poderiam fazer parte da Geografia. Encantei-me com uma escala de análise ao alcance das mãos, do toque, do cheiro, do sabor, do som, uma escala passível de ser experimentada com o corpo como

um todo, uma Geografia resultante de intensidades experienciadas numa escala proximal.

Apesar de hoje ter um pouco mais de entendimento sobre esse processo, na época tudo era muito novo, diferente e um pouco confuso. Sabia que algo daquilo me cativava, me atraía, mas não entendia muito bem tudo que era proposto. No último dia de aula, após os agradecimentos, as despedidas, as falas e o lanche compartilhado, quando todos já saíam, procurei o professor e fiz uma pergunta da qual não me recordo de maneira nenhuma, e sua resposta foi para mim inusitada: “Eu passei a disciplina inteira tentando responder essa questão, não existe uma resposta simples e rápida. Se isso te mobiliza, se quiser estudar mais sobre, venha no próximo encontro do grupo de pesquisa e podemos conversar”. E assim fiz, na semana seguinte, na hora marcada. Lá estava eu, com minha cabeça fervilhando de dúvidas, questões e incômodos causados por aquele professor ao longo da disciplina, mas também empolgado por poder continuar pesquisando e produzindo uma geografia feita a partir do que me motiva, da relação na escala do corpo.

Esse foi o início dessa amizade, parceria acadêmica, eterna orientação, que já completa dez anos. Passei por Pibic, Poesi, Rasuras, mestrado e agora doutorado. O Poesi é o grupo de pesquisa do qual o professor Queiroz fazia parte, junto com a tão adorável e sempre carinhosa professora Gisele Girardi. Em 2012, porém, ele criou o Grupo de Pesquisa Rasuras, cujo subtítulo hoje é “Geografias Marginais (linguagem, poética, movimento)”. Digo hoje, pois já foram outros e mais alguns virão. O subtítulo marca o fator mobilizador dos estudos, escritos e orientações do professor e do grupo, e isso varia ao longo do tempo.

Geografias Marginais, à margem, à beira, à borda, afastadas do centro ou de toda centralidade, que não se satisfazem com os valores predominantes da sociedade ou da maioria, não se contentam com a regra, a normativa. Tais geografias não se encantam pelo hegemônico, são grafias de mundo que descentralizam, não tendo centro único, não querendo um centro. Essas geografias reivindicam, pretendem, experimentam uma liberdade criadora. Essas são as geografias pelas quais me apaixonei, que me interessam e fazem meus olhos brilhar.

São “geografias, no plural” (QUEIROZ FILHO, 2018), porque múltiplas, e cada indivíduo cria a seu modo, com seu corpo, a partir de atravessamentos, encontros, do

que o mobiliza, inquieta, desassossega, move a ir além. Em seu livro *Corporema: por uma geografia bailarina*, o professor Queiroz afirma que essa geografia “é um modo de se colocar em cena, um modo de se colocar diante do e no mundo. E são esses gestos que a ‘definem’” (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 22). Gestos que te inserem no processo, demarcando quem é essa primeira pessoa que escreve, sente, vive, pisa, cheira, chora, ri, ouve, vê, passa, grafa. Uma geografia como partilha do que acontece com quem a produz. Por isso ele completa perguntando: “Qual seu gesto? Esta é a questão que realmente importa, porque esta será ‘a’ Geografia, dito de outro modo, esta será a sua Geografia” (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 22).

Gesto, movimento do corpo, corpo em movimento, corpo mobilizado. Corpo que ao se mover forma e transforma uma geografia, ao mesmo tempo em que essa geografia que vai sendo criada, produzida. Essa ação, esse processo, vão formando e transformando esse corpo.

Corpo aqui está intimamente relacionado às discussões deleuzianas da questão. Um dos autores que atravessam seus escritos sobre o tema é Friedrich Nietzsche, ao propor que pensar em corpo é pensar em forças, ou melhor, pensar na relação entre elas. Para o filósofo alemão, “é justamente dessa interação entre diferentes forças que os mais variados corpos são produzidos” (MANGUEIRA; BONFIM, 2014, p. 622). Nesse sentido, mobilizar um corpo, pô-lo em movimento, transformá-lo associa-se a modificar as forças que nele agem.

Se entendo gesto como movimento do corpo, e a sua mobilização passa pela modificação das forças que nele agem, meu gesto é o que faz variarem as forças que me constituem. Essa variação, segundo Deleuze, faz com que não exista “um acontecimento, um fenômeno, uma palavra, nem um pensamento cujo sentido não seja múltiplo” (DELEUZE, 2018, p. 5), pois “um mesmo objeto, um mesmo fenômeno muda de sentido de acordo com a força que se apropria dele” (DELEUZE, 2018, p. 5). A cada gesto, novas forças, a cada nova composição de forças, outros sentidos, outros sentidos de um mesmo. Meu gesto é de quem quer intimidade com a pluralidade, a multiplicidade, gesto como ação que faz variar um sentido.

Não foi difícil entender qual é o meu gesto. Transformei em marca de minha geografia algo que ela sempre me proporcionou: encontros. Foram os encontros que fizeram o sentido de Geografia, para mim, variar. Geografia que é sonho, encanto,

admiração; Geografia que é amor, paixão, o que me atrai; Geografia que é amizade, afeto, possibilidade, criação, abertura. Foram os encontros provenientes da Geografia que me formaram e me transformaram, que me formam e me transformam. Procurei fazer com que esse processo virasse uma constante em minhas grafias de mundo, que o encontro fosse o gesto que “define” minha geografia.

O professor Queiroz usou aspas na palavra “define” e assim também o fiz. O escritor português Gonçalo M. Tavares transforma em palavras essas aspas, descrevendo o incômodo com esse termo. Em seu livro *O Torcicologologista, excelência*, ele diz:

- Definir significa de-finir. Finir, acabar. Dar uma definição é dizer a última palavra sobre o assunto.
- É, pois, terminar com a conversa.
- Exacto. Conversa finita com a definição.
- Quem define diz ao outro: nada mais tens a dizer sobre este assunto, pois acabei de dizer a última e definitiva palavra sobre a questão (TAVARES, 2017, p. 59).

O gesto não impõe um ponto final às geografias, não encerra a conversa. Gesto como abertura, possibilidade, porvir, ação que mobiliza o corpo, e a partir daí grafamos, dizemos, significamos o mundo. As geografias, para mim, são feitas e refeitas a partir do encontro. O encontro como nascedouro, gesto inicial, ação que começa, cria possibilidades. Por isso Tavares propõe:

- Seria interessante pensar em definições que iniciam a conversa.
- Uma definição inicial, inaugural. Uma de-iniciação.
- Ou uma pré-finição. Uma não-finição. E assim sucessivamente (TAVARES, 2017, p. 60).

O encontro inicia minha geografia. Esse é o meu gesto, o encontro que mobiliza meu corpo, que o faz variar, formando e transformando as forças que dele se apoderam, diversificando um sentido. O encontro inicia essa geografia, que opera

como partilha do que acontece com quem a produz e a tem como aventura; ou seja, o que vem pela frente, que quer os casos, acasos, imprevistos que a aventura proporciona, geografia feita passo a passo, que não podemos prever, predizer, nem prescrever, mas apenas viver.

Este trabalho, então, é uma forma de contar como os encontros me afetaram, como atravessaram meu fazer geográfico, mas também pretende ser um encontro para e com o leitor, ou seja, iniciar outra grafia de mundo que não a minha, não a desta tese, e sim uma cujo começo se dará no encontro dessas palavras com quem as lê. O encontro inicia uma geografia.



Avenida Fernando Ferrari

(Experiências - Cidades - Polifonia)

Ocupamos, preenchemos, tornamos próprio, tomamos posse, com esforço, suor, trabalho, dedicação. Ao longo do tempo, à medida que vamos encontrando e nos encontrando nesse espaço, deixamos nossas marcas, dando contornos, nuances, contribuições, particularidades. Construção colaborativa, a várias mãos, contínua, incessante. É respiro, fôlego, alento. Possibilidade de geografia criativa, criadora, de grafia de mundo afetiva, sensível, corporal, autoral.



Sala do Grupo de Pesquisa
(RASURAS)

Ao longo de nove anos como integrante do Grupo de Pesquisa Rasuras, uma força em comum atravessou todos os projetos que desenvolvi, de forma a criar uma inquietude coletiva entre eles: o habitar a cidade na contemporaneidade. Foram esforços de investigar, experimentar e discutir algumas formas de habitar desinteressadas em reforçar preceitos predominantes do imaginário social, o senso comum sobre o habitar urbano, a saber, que as grandes marcas do viver citadino contemporâneo são: “Individualismo, impessoalidade, insegurança, velocidade/pressa, padronizações e automatismos de todos os tipos” (QUEIROZ FILHO; DAMIANI; BORGES, 2013, p. 73).

O que me mobiliza é o que escapa a esse padrão, as forças que criam fissuras, brechas nessa normativa. Sou tomado por um incômodo que também atravessa Carlos Skliar:

O mundo é uma imensa circunferência perfurada pelas exceções. E existem palavras demais para ocultar seu derrame, as águas que não se embalsamam, os sons afônicos, o caminhar manco, as costas vencidas, a aprendizagem curva, a memória casual, o corpo desatento, os ouvidos mudos, os olhos que olham numa direção que não conhecemos (SKLIAR, 2014, p. 158).

Meu encanto é por esse transbordo do mundo, o que escapa, foge à regra, tensiona a regra, não servindo para criar normas, nem padrões. Meu encanto é por essas grafias de mundo produzidas por olhos que olham numa direção que não conheço, pelo caminhar que ainda não experimentei, por um corpo desatento, que anda desprendido da atenção a algo determinado, aberto ao que lhe acontece nessa ação. Essas são as forças que operam para mim como educadoras, pois tornam meu mundo mais interessante. Tornar interessante quer dizer conferir atratividade, não lhe permitindo ser entediante, monótono, continuamente no mesmo tom, uniforme, invariável, ausente de novidades. Esses aspectos me mobilizam, pois tenho em mim a incompletude transformada em poesia pelo poeta-menino-pantaneiro Manoel de Barros:

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora,
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai.
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso em renovar o homem usando borboletas.
(BARROS, 2010, p. 374)

Com o poeta, aprendi que a pessoa rica de incompletudes nunca está satisfeita, deseja sempre algo mais. Em seu caso, algo a mais das “palavras acostumadas, fatigadas de informar”, para usar adjetivos do próprio Manoel, algo a mais de sua relação com elas, de sua potência de criar outros possíveis, conexões, possibilidades. No meu caso, algo a mais das cidades.

Não quero uma cidade de “palavras acostumadas”, que ocultem seu derrame, que me aceitam como sou. Tenho real interesse pela cidade que mobiliza o que penso, sou, sinto e sei. Quero uma cidade que me permita ser Outros, justamente porque esses outros me possibilitam desacostumar minhas palavras e cidades, mostrar o que elas ocultam. Esses outros escancaram minha incompletude.

Gilles Deleuze enuncia que o outro tem essa potência, por ser “expressão de um mundo possível” (DELEUZE, 2009, p. 317). Isso porque tem a potência de introduzir “o signo do não-percebido no que eu percebo” (DELEUZE, 2009, p. 315), reconfigurando e transformando as forças que nos compõem, causando em nós uma experiência.

Digo que esse outro nos causa uma experiência, fazendo coro com Jorge Larrosa, entendendo-a como “isso que me passa” (LARROSA, 2011, p. 5) e não “o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2015, p. 18) de maneira generalizada. O que passa tem que nos passar, nos afetar, expressar um novo mundo possível ao introduzir um signo não percebido no que percebo, transformar, de modo a não sairmos os mesmos desse acontecimento.

A antropóloga Janice Caifa marca que esse outro – e posso dizer também esse “isso” – “não é um objeto ou um outro sujeito” (CAIAFA, 2009, p. 97), ou seja, não é algo materialmente definido, “não é simplesmente um outro com quem falo ou que me influencia, um personagem do campo perceptivo, da relação de comunicação ou da interação social, mas um princípio, um operador, e que expressa um mundo possível” (CAIAFA, 2009, p. 97). Esse outro como um processo de diferenciação daquilo que sou e sei, instaurador da pluralidade, possibilidade de algo a mais da cidade, expressão de outras cidades possíveis.

O filósofo Silvio Gallo, em seu texto *As Múltiplas dimensões do Aprender...*, escreve, atravessado pelos pensamentos de Gilles Deleuze, que “aprender é sempre encontrar-se com o outro, com o diferente, a invenção de novas possibilidades” (GALLO, 2012, p. 8). Assim, experimentar algo a mais das cidades passa, dessa forma, pela relação, pelo encontro, pela aprendizagem nesse movimento, pela experiência desse acontecimento. Cidade como encontro. Cidade que se cria, inventa, experimenta no encontro, a partir do encontro com o outro na e da cidade. Conhecimentos e possíveis que vão sendo construídos a cada passo, toque, cheiro, gosto, caso e acaso, a cada isso que me passa. Aprender cidade como a criação de outros possíveis a partir das diferenças que o diferente instaura em nós, para nós.

É importante marcar por onde entro e como preencho a palavra diferença, pois as diferenças “às quais me refiro não têm um sentido identitário, estabelecido a partir da perspectiva da representação – as supostas características específicas de cada indivíduo ou grupo, que os distinguiriam de todos os outros” (ROLNIK, 1995, p. 97). Um entendimento de diferença como algo esporádico, pontual, “exterior ao conceito, diferença entre objetos representados sob o mesmo conceito, caindo na indiferença espaço tempo” (DELEUZE, 2006, p. 49). A diferença com a qual faço coro e lido neste trabalho são “diferenças no sentido daquilo que justamente vem abalar as identidades, estas calcificações de figuras, opondo-se à eternidade” (ROLNIK, 1995, p. 97), tornando impossível repetir igualmente algo em contextos diferentes, desprendendo-se do tempo e do espaço.

Falo aqui de diferença como variação, possibilidade de variação, abertura, pois, como enuncia Deleuze, “a diferença é interior à Idéia; ela se desenrola como puro movimento criador de um espaço e de um tempo dinâmico que corresponde à Idéia”

(DELEUZE, 2006, p. 49). Dinâmico porque é diferença no movimento, criando movimentos, mobilizando variações num mesmo movimento, e por isso essa “diferença precisará ser apreendida *entre* termos, naquilo que acontece na passagem de um a outro” (MALUFE, 2017, p. 162, grifo da autora) no momento do encontro, da transformação daquilo que sou, sei, sinto, falo, grafo, vivo. Diferença que faz e me faz variar constantemente esses mesmos movimentos.

Esse arranjo é possível, pois, assim como Doreen Massey, entendemos o espaço como “a esfera da coexistência de uma multiplicidade de trajetórias” (MASSEY, 2012, p. 100) e a cada encontro essas trajetórias se conectam, se entrelaçam, ao mesmo tempo em que tensionam conexões e entrelaçamentos antes feitos, a partir das diferenças que esses novos entres produzem, inserem, articulam. Portanto:

Trata-se do espaço como a esfera de uma simultaneidade dinâmica, constantemente desconectada por novas chegadas, constantemente esperando por ser determinada (e, portanto, sempre indeterminada) pela construção de novas relações. Está sempre sendo feito e sempre, portanto, em certo sentido, inacabado (contando que “acabado” não está na agenda) (MASSEY, 2012, p. 160)

Dessa forma, quando trato de aprender cidade a partir das diferenças, não começo uma busca pelo exclusivo, pelo que lhe está alheio, mas digo de um exercício de pluralização de um mesmo, movimento de contato com a multiplicidade do e no ordinário, do e no comum da e na cidade. Aprender cidade como processo de entrar em contato com as diferentes cidades que a compõem, a constituem e a todo momento estão sendo feitas e refeitas, ao mesmo tempo em que questionam e tensionam as conexões efetivadas, num perene processo, pois sempre há composições ainda a ser produzidas. O “acabado” não está na agenda. Esse duplo processo ocorre pela diferença, encontro, pelo outro, pelos signos não percebidos que passamos a perceber, pela abertura, pelas novas possibilidades, reconfigurações de forças e pela própria experiência cidadina.

Esse é um movimento não só de aprendizado de cidade, ou seja, o encontro com o outro, a diferença cidadina, mas também movimento de aprendizagem,

invenção de novas possibilidades para minhas próprias normalidades, habitualidades. Exercício de constantemente transformá-las em algo novo, movimento de construção e tensionamento, ação de enriquecer tanto a cidade quanto a mim de incompletudes, de algo a mais. Por isso Carlos Skliar argumenta que “a diferença não é um sujeito, mas uma relação” (SKLIAR, 2014, p. 156). Relação com um outro que nos “traz uma voz nova, uma irrupção que pode mudar o pulso da terra, um gesto que nos faz rever o já conhecido, a palavra antes ignorada” (SKLIAR, 2014, p. 150). A diferença como variação na e da relação, como possibilidade de variações, em diferentes escalas, a cada encontro.

Esta tese, dessa forma, se interessa em “uma interrogação que diz respeito aos cidadãos e à sua experiência de cidade” (AGIER, 2011, p. 38); ou seja, trata-se de entrar em contato, experimentar esse outro da e na cidade, com toda a potencialidade de variação que carrega consigo, relacionar-se com esse “conjunto de conhecimentos, sempre em desenvolvimento e transformações” (AGIER, 2011, p. 32). Aqui se busca esse contínuo movimento de variação, esse eterno movimento de diferenciação nas mais variadas escalas da vida, essa constante riqueza de ser sempre outros. Dito isso, não faz mais sentido pensar em cidade como “‘uma coisa’ que eu possa ver, nem ‘um objeto’ que eu possa apreender como totalidade” (AGIER, 2011, p. 38); ou seja não interessa uma cidade como “essência inatingível e normativa” (AGIER, 2011, p. 38). Por isso o antropólogo italiano Michel Agier problematiza que a pergunta “o que é a cidade?” (AGIER, 2011, p. 38) já não cabe mais para orientar nossas preocupações, inquietações, movimentos cidadãos.

Esse jeito de perguntar também gera desconforto em Larrosa, que não está “certo de que a pergunta ‘o que é?’ seja a melhor, nem a mais importante” (LARROSA, 2015, p. 42) para substanciar nossas investigações. Essa questão pressupõe uma resposta demasiadamente rápida, imediata, um ponto final, fechamento, definição, enquanto a experiência, nos termos aqui trabalhados, é algo relacional, aberto, que cria sentidos e possibilidades à medida que corpos se entrelaçam. Por isso, “para não chegar demasiadamente depressa, para que os processos de elaboração de sentido sejam mais lentos, menos superficiais, menos tranquilos, mais intensos, é preciso resistir a responder a essas perguntas [...] é preciso resistir à pergunta ‘o que é?’” (LARROSA, 2015, p. 43). Dessa forma, precisamos pensar em outra(s) pergunta(s) para

embasar esse caminho experiencial que queremos percorrer, que potencialize esse habitar urbano relacional.

Resistir à pergunta “o que é a cidade?” é uma forma de “criar novos modos de existir, insistir em existir, re-existir” (ASPIS, 2011, p. 73). Resistir para criar outras maneiras de dizer cidade, a partir de outros modos de existência, do encontro com o outro, com as diferenças, experimentando outros mundos possíveis, a partir da aproximação e contato com esse conhecimento, dos cidadãos, sempre em desenvolvimento e transformação. Resistir para re-existir no processo de significação, para dizer, não a partir das experiências normativas, da regra, do senso comum, mas tendo como processo formativo, de conhecimento e produção de sentido nossas experiências de encontro.

O antropólogo italiano Massimo Canevacci, em seu livro *A Cidade Polifônica: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana*, assim como Agier, entende que pesquisar uma cidade pressupõe ações que a tragam para uma escala que opera por aproximação, pelo contato com quem lhe dá vida e a alma; nesse entendimento, “só é possível compreender uma cidade fixando-se outros panoramas que a excluem do horizonte” (CANEVACCI, 2004, p. 20). A escolha dessa escala proximal, ao alcance das mãos, do cheiro, do som, desse olhar mais de perto com o corpo se dá, porque para nós:

La noción ciudad señala un campo de encuentros intensivos donde se actualizan tramas relacionales que nos nutren y nutrimos; a la vez, señala un emplazamiento, un bloque de espacio-tiempo múltiple: ciudad de muchas ciudades; y fuerza a un pensamiento en situación² (TELES, 2018, s.p).

Para essa relação cidadina mais intensiva, porém, não basta esse movimento de aproximação. Também “é preciso mudar de perspectiva, de angulação, de modo de

² “A noção cidade aponta para um campo de encontros intensivos onde se atualizam tramas relacionais que nos alimentam e nos nutrem; ao mesmo tempo, indica uma localização, um bloco de espaço-tempo múltiplo: cidade de muitas cidades; e força um pensamento em situação” (TELES, 2018, s.p, tradução nossa)

formular as questões” (CANEVACCI, 2004, p. 41). Reelaborar as perguntas que exercem as funções de orientar nossas investigações tem como intuito reelaborar nossos processos de resposta, ou melhor dizendo, nos provocar a percorrer caminhos outros que não a busca do ponto final, da normativa.

Se queremos uma geografia preenchida e preocupada com essas tramas relacionais cidadinas que a todo instante nos alimentam e nos nutrem, atualizando nossas experiências, precisamos pensar em perguntas que nos provoquem a percorrer esses caminhos de construção de pensamentos em situação. Perguntas menos preocupadas com “o que é e sim com o que acontece, não a partir de uma ontologia do ser, e sim de uma lógica do acontecimento” (LARROSA, 2015, p. 43). Perguntas em que caiba essa abertura, eventualidade, a diferença que se gesta no entre de um encontro, de um acontecimento, de uma experiência.

Michel Agier nos inquieta com uma possibilidade. Ele propõe um movimento da “problemática do objeto para o sujeito” (AGIER, 2011, p. 38), ou seja, da cidade para os cidadãos. Uma proposição que questiona não “o que é a cidade?” e sim “o que faz a cidade?” (AGIER, 2011). Fazer, dar existência, ser autor, criar, produzir, compor. Pergunta que interroga os processos de produção de sentidos de uma mesma cidade, um questionamento que tem intrinsecamente o diverso, a variação, pois não reclama resposta como fechamento, ponto final. São múltiplos os possíveis urbanos, são múltiplos os seus fazeres.

Por essas possibilidades múltiplas que encontramos nas cidades, Canevacci a adjetiva como polifônica, por entender que:

a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam; e também designa uma determinada escolha metodológica de “dar voz a muitas vozes”, experimentando assim um enfoque polifônico com o qual se pode representar o mesmo objeto (CANEVACCI, 2004, p. 17).

Percebam que a polifonia opera em duas frentes, por isso a afirmação do autor de que ela “está no objeto e no método” (CANEVACCI, 2004, p. 18). O professor Queiroz, ao descrever sobre esse duplo da polifonia, ressalta o empenho de Canevacchi ao apontar “para a necessidade metodológica e conceitual de ver, no sentido de reconhecer, e de como dar a ver a uma multiplicidade que surge, tanto no plano material, quanto no plano discursivo; tanto no plano da experiência, como no plano do sensível” (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 59). É uma possibilidade de atravessar nossas vivências e grafias de mundo com essa heterogeneidade urbana, esses diversos fazeres citadinos.

Ao dizer que a polifonia está no objeto, Canevacchi afirma que “a cidade se caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisos cuja soma total, simultânea ou fragmentária, comunica o sentido da obra” (CANEVACCI, 2004, p. 18). Uma cidade que se apresenta a partir dessas vozes que nela coexistem, se misturam, se relacionam, se encontram e desencontram. Experienciar uma cidade, na perspectiva polifônica, passa por aproximar-se dessas vozes, dessa (des)harmonia que elas produzem em seu sentido.

Nessa perspectiva proximal, relacional, polifônica, o que nos interessa é “ver a cidade como vive” (AGIER, 2011, p. 38), com toda sua heterogeneidade, multiplicidade, que lhe é constituinte, ou seja, uma cidade “‘apreensível’ e vivida em situações” (AGIER, 2011, p. 38). São nas situações urbanas, nos encontros citadinos, que podemos “observar como a cidade se comunica com os seus edifícios, ruas, insígnias, lojas, e com o fluxo de um tráfego insaciável” (CANEVACCI, 2004, p. 14). Nas situações urbanas nos relacionamos com essas múltiplas vozes e temos contato com esse coro urbano.

Esse comunicar não está presente somente nas ranhuras, descascados, sobreposições arquitetônicas, tipos de loja, larguras das ruas e calçadas, horário do trânsito, mas também na forma como esses objetos e fluxos urbanos vão ganhando diferentes sentidos para os passantes. Está presente nessa interação entre os que compõem e fazem uma cidade, nesse entrelaçamento de corpos, e no modo como essas relações vão reconfigurando forças, modificando seus sentidos, multiplicando seus fazeres e formas de habitar.

É um movimento em que “o próprio ser da cidade surge, então, não como um dado mas como um *processus*, humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria da observação, das interpretações e das práticas de ‘fazer cidade’” (AGIER, 2011, pp. 38-39). É um movimento de abertura ao ser da cidade, à sua complexidade, para que ela nos passe e não somente passe.

Essa ação de disponibilidade é um fundamento da experiência, pois “a maneira como nos combinamos com outros corpos em nossos encontros pode surpreendentemente nos abrir janelas com vistas a horizontes outros, trazendo modificações significativas para nossas possibilidades de ação” (AZEVEDO, 2018, p. 55), ou conservar nossas práticas, nos mantendo inertes, imutáveis. Por isso Larrosa argumenta que “é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”” (LARROSA, 2015, p. 26); ou seja, é incapaz de experiência, nos termos aqui trabalhados, aquele que não se abre à polifonia, ao passar dos outros, ao encontro com a diferença no diferente, para que seja de alguma forma transformado. Uma “transformação de suas palavras, de suas ideias, de seus sentimentos [...] etc.” (LARROSA, 2011, p. 7). É incapaz de experiências aquele que não cria seu dizer, sua voz nessa polifonia, atravessando-a com os dizeres, os horizontes, as vozes dos outros da cidade.

Nessa abertura a outras práticas de fazer cidade, a outros horizontes citadinos, o poeta moçambicano Mia Couto escreve que nos expomos “para que outras lógicas nos habitem, é visitarmos e sermos visitados por outras sensibilidades” (COUTO, 2011, p. 101). Nesse entre, nesse trânsito, nessas interações, experimentamos esse coro da cidade, outras trajetórias que ali coexistem, nos expomos a essas vozes que se cruzam, sobrepõem e se afastam, porém temos autonomia de escolha, decisão; de quais sensibilidades comporão nosso dizer, grafias, habitar, nossas práticas de fazer cidade.

Falo de escolha, pois “nesta relação há forças que agem e outras que reagem. Nietzsche as qualifica, respectivamente, como forças ativas e forças reativas” (HUR, 2016, p. 174). Essa distinção ocorre porque as forças acabam por desencadear potências distintas. Enquanto as forças ativas se configuram por “seu poder de criar e desenvolver novas formas [...] as forças reativas [...] seriam forças predominantemente de conservação e adaptação” (MANGUEIRA; BONFIM, 2014, p. 627). Cristian Mossi, em

seu texto *Teoria em Ato: o que pode e o que aprende um corpo?*, também discute essas distintas potências que as forças provocam:

Ao nos depararmos com algo que nos potencializa, que nos provoca e movimenta a pensar, estamos diante de potências aumentativas de nosso corpo. Ao nos depararmos com algo que nos paralisa, que nos entristece e nos coíbe – os afetos tristes –, estamos diante de potências diminutivas de nossas potências de agir (MOSSI, 2015, p. 1544)

As potências diminutivas coíbem nossas potências de agir, criar, de produzir algo novo a partir do outro com que(m) nos encontramos, relacionamos, interagimos. Tendem à manutenção da normativa, do habitual, da regra, do senso comum, não potencializam em nós a diferença, o ser outros, e sim a conservação de nosso discurso. Já as potências aumentativas movimentam nosso pensar e nosso corpo, fazem as forças que nos constituem constantemente se reconfigurarem, produzem entendimentos e formas de ver transitórios. Transitórios porque a cada nova situação outros contextos dialógicos são criados, outras forças criativas atravessam o acontecimento, outros caminhos para ligar dois pontos são percorridos, outros sentidos são possibilitados.

Como já dito, sou tomado pela incompletude manoesca. As sensibilidades que me interessam são as que tiram o mundo, a cidade, da monotonia, da uniformidade, que constantemente a fazem variar, serem outras, abrindo janelas com vistas a horizontes outros. Meu interesse maior é pelas forças que possibilitam esse tipo de habitar, de relação, essa modificação significativa em nossas possibilidades de ação, num corpo que é, em grande medida, formado e transformado, visita e é visitado por forças criativas, que aumentam sua potência de agir.

A polifonia atravessa tanto o objeto quanto o método, justamente porque, nesse jogo de forças, nossa escolha é a proliferação da vida, a produção de aberturas, de forças aumentativas de ação do corpo, na experiência, na linguagem, na forma de ver e de dar a ver.

Cabe ressaltar que não entendemos por "método" um instrumento ou procedimento replicável que nos levará a uma verdade absoluta, mas como uma estratégia que, ao articular alguns conceitos específicos, orienta nossa forma de pensar e constituir nosso objeto de estudo – um recorte, portanto (PINEDA, 2010, p. 3).

Método polifônico, então, como estratégia de proliferação de recortes, enfoques, vozes, composições diversas que podemos dizer de uma mesma cidade. Dizer que não se constitui como verdade absoluta e sim algo que se produz do e no *entre* transitivo, provisório, de um recorte, de um contexto. Produzir aberturas tanto na relação com o objeto como na escolha de como dizer dessas relações, tanto no experimentar essa polifonia como no dar a ver, em nossas produções, essa polifonia.

Larrosa argumenta que “não se escreve sobre a experiência, mas sim a partir dela” (LARROSA, 2018, seç. 271). Dessa forma, se nossa experiência cidadina é polifônica, expressar, dizer, escrever a partir dela passa por produzir com a e na linguagem formas de dar a ver essa polifonia que experimentamos. Produzir uma experiência cidadina polifônica na, com a e pela linguagem.

Canevacci diz estar “convencido de que é possível elaborar uma metodologia da comunicação urbana mais ou menos precisa, com a seguinte condição: a de querer perder-se, de ter prazer nisso, de aceitar ser estrangeiro, desenraizado e isolado” (CANEVACCI, 2004, p. 15). Ele lança mão dessa analogia por entender que “muitas vezes o olhar desenraizado do estrangeiro tem a possibilidade de perceber as diferenças que o olhar domesticado não percebe, interiorizado e demasiadamente habituado, pelo excesso de familiaridade” (CANEVACCI, 2004, p. 17). Essa metodologia proposta é um esforço de tentar desacostumar a maneira habitual e rotineira que olhamos, habitamos, dizemos, nos relacionamos com uma cidade, tensionando certezas, automatismo e pressupostos previamente estabelecidos e adquiridos para produzir um dizer marginal, a partir das experiências polifônicas.

Michel Agier também propõe o perder-se como forma de reorientar nossa experiência cidadina. Ele escreve: “Eu tive que me perder antes de saber me orientar, não de acordo com linhas traçadas com exatidão e bem identificadas [...], mas por subconjuntos de sensações e de sinais, de limites incertos” (AGIER, 2015, p. 22).

Perder-se para encontrar outros possíveis, encontrar os derrames, o que escapa, os transbordos ocultados pelas linhas traçadas com exatidão. Quando estamos perdidos, passamos a ter atenção maior ao que nos cerca, às movimentações, aos detalhes e sinais. Nossa percepção se dilata e é esse estado corporal que interessa a Canevacci, a Agier e a nós.

Esse processo se baseia em dois movimentos: “Estranhar toda familiaridade possível com a cidade e, ao mesmo tempo, familiarizar-se com suas múltiplas diferenças” (CANEVACCI, 2004, p. 30). Ambos são ações que nos aproximam desses outros urbanos sem impor algo, mas se expondo, pois nos dispomos a esses encontros com olhar desenraizado, à procura, aberto a ser afetado, e não munido de certezas e exatidões. Tentamos, a partir desses movimentos, produzir esse estado corporal de quem está perdido, uma relação de curiosidade. Desejamos ver, ouvir, tocar, cheirar, degustar, conhecer, experimentar para (nos) encontrar(mos em) novas conexões, novas habitualidades, mesmo que transitórias, pois esse movimento é constante.

Estranhar o que nos é habitual permite problematizar aspectos familiares do dia a dia e exercer uma ação importante nesse processo: “Olhar obliquamente o superconhecido” (CANEVACCI, 2004), num esforço de experienciar essas familiaridades a partir de outros ângulos, enfoques, conexões. Ao mesmo tempo, Canevacci também incentiva nos aproximarmos do que nos é distante, diferente, desconhecido, numa tentativa de trazer para esse processo vozes a que comumente não damos atenção, que passam despercebidas, que não fazemos ecoar em nosso fazer cidadão.

Canevacci argumenta que “o desenraizamento e o estranhamento são momentos fundamentais que – mais sofridos do que predeterminados – permitem atingir novas possibilidades cognitivas, [...] misturas imprevisíveis” (CANEVACCI, 2004, p. 15). E foram nos textos, na leitura, nas palavras que esse perder-se cidadão, esse perder-se na e com a cidade me acometeu de forma significativa, possibilitando misturas e relações que agiram em um desenraizamento mutiescalar. Um perder-se tanto na escala experiencial quanto na sensível.

Nesse momento a afirmação de que esse processo de perder-se não se refere “somente ao sentido psicogeográfico, mas perder-se no sentido teórico, conceitual, corporal” (CANEVACCI, 2009, p. 18), passou a fazer sentido em mim e para mim. Na

leitura palavras, conceitos e sentidos se expandiram, se alargaram, esgarçaram, passando a caber vários num só. O próprio entendimento do encontro, para mim, passou por esse estranhamento, a ponto de, aos poucos, eu sentir que ler passou a ser uma experiência de encontro. A leitura possibilita nos entrelaçar com um diferente, a diferença, por meio da escrita. Certo arranjo de palavras pode nos afetar de forma contundente, causando uma experiência, transformando e reconfigurando as forças que nos constituem, fazendo um sentido variar.

As leituras que formaram e transformaram, formam e transformam meu entendimento de cidade foram e são para mim experiências de encontros urbanos. Tornaram e tornam meu mundo mais interessante, produziram e produzem algo a mais da cidade em mim e para mim. Apresentaram-me e apresentam-me inúmeros signos não percebidos, me fizeram e me fazem ser outros, exerceram e exercem essa função de outro urbano. Na escrita, lemos, encontramos, experienciamos outros fazeres urbanos, outras relações, outras formas de habitar. A escrita, os textos, as palavras que juntas dizem sobre cidade também fazem parte dessa polifonia, dessa profusão de vozes autônomas que compõem esse coro urbano.

Não só o texto, a escrita, mas as linguagens, em geral, dão voz às diversas vozes cidadinas e se constituem como uma. Escutar uma música, ver um filme, encantar-se em uma galeria, inquietar-se com grafites, desassossegar-se com poesias, assistir a uma palestra, saborear um prato, visualizar postagens, entre tantos outros exemplos possíveis. Todas essas experiências podem configurar-se como encontros com vozes urbanas que compartilham diferentes fazeres, encontros que mobilizam questões cidadinas, capazes de potencializar esse enfoque polifônico, tanto do objeto quanto do método.

Nessa perspectiva a questão está na relação a que nos dispomos com a linguagem, ou seja, em nossa abertura, exposição, para sermos transformados. É como pomos em jogo a nós mesmos no que lemos, ouvimos, sentimos, vemos, tocamos, experimentamos (LARROSA, 2011). Como – ou se – possibilitamos que essas vozes reconfigurem nosso sensível, transformem nossa própria voz nesse coro urbano. O que está em questão é se nos tornamos disponíveis “a provocar uma torção no pensar de modo a colocá-lo em movimento de produção, não de re-produção” (MOSSI, 2015, p.

1550), a potencializar forças criativas e não reativas, nessas variadas formas de encontros urbanos.

Este trabalho, então, se configura como partilha de minhas e a partir de minhas experiências de encontros urbanos, com tudo que isso tem de conexões, composições e escolhas. É importante dizer que “a primeira pessoa não está presente [...] como ‘tema’, mas como ponto de vista, como olhar, como posição discursiva, como posição pensante” (LARROSA, 2004, p. 36). A primeira pessoa está como um corpo, com todo o seu choque e composição de forças transitórias, afetado, transformado, que experimenta e se experimenta nesse processo. Primeira pessoa, porque é de quem e do que posso falar, de como os afetos aumentam ou diminuem minhas potências de agir; e porque “o que tenho, como processo, é um *corpo, aqui e agora*, e isso é a (minha) geografia” (QUEIROZ FILHO, 2020, p. 62).

Assim como o professor Queiroz, entendo que “não estou *aqui* e os conceitos *lá*. Busco, sobretudo, experimentá-los” (QUEIROZ FILHO, 2020, p. 69, grifo do autor), colocando em jogo as forças que compõem transitoriamente meu corpo, em diálogo com as forças dos outros corpos que participam desse movimento. Nosso interesse, nossas preocupações, dessa forma, consistem “em saber como elas se combinam, como elas se compõem, como elas se conjugam. E depois, ver o que resulta dessas combinações, dessas composições, dessas conjugações” (TADEU, 2002, p. 53). Por isso em primeira pessoa, porque só posso dizer das combinações e composições do meu corpo: como me afetam, como esses processos, movimentos, encontros, combinações, composições formam e transformam meu fazer cidade, minhas geografias, meu modo de grafar o mundo, minhas grafias de mundo.

Outro ponto a se considerar é que, assim como Espinosa, nosso entendimento caminha no sentido de “pensar o ser humano e a sociedade sempre em termos coletivos” (AZEVEDO, 2018, p. 51), desse modo, para o filósofo o corpo já se constitui um coletivo, “o corpo compõe-se de muitos indivíduos” (SPINOZA, 2008 *apud* AZEVEDO, 2018, p. 51). É uma primeira pessoa do plural, travestida de primeira do singular. Corpo como composição de e com outros corpos. Uma geografia feita por um e a partir de um corpo que contém o múltiplo. “Grafia de mundo a partir do corpo” (QUEIROZ FILHO, 2020, p. 68) formado, composto, conjugado com tantos outros.

Essa geografia feita pelo (por um) corpo e a partir do (de um) corpo “reconhece que qualquer espaço é obrigatoriamente habitado pelo corpo e com ele se relaciona” (MOREIRA, 2017, p. 99). É um modo de grafar o mundo, e nesse caso, de fazer cidade, que Maria Elisa Rodrigues Moreira, em seu texto *Breves notas sobre o corpo: um diálogo com Gonçalo M. Tavares e Os Espacialistas*, afirma passar pela experimentação de “medir a cidade pelo corpo [...]: fazer com que o espaço da cidade tenha por referência o corpo” (MOREIRA, 2017, p. 99); e como já foi dito, não como tema, mas como posição discursiva, insistência em dizer a partir do e com o que nos (me) acontece, passa, toca.

É um modo de fazer, um método, ou seja, uma forma de articulação conceitual, de “recorte” (PINEDA, 2010), que tem o “o corpo como [...] medida. Um corpo cuja posição, ou cujo modo de ocupar o espaço, interfere diretamente nos cálculos” (MOREIRA, 2017, p. 99), isto é, diretamente na experiência. Por isso Jorge Larrosa afirma que “ninguém pode aprender da experiência de outro” (LARROSA, 2015, p. 32). Cada corpo, em sua singularidade, ocupa, faz, atravessa, afeta um acontecimento de determinada forma, tanto quanto é afetado de forma distinta.

Minhas experiências formam e transformam meu corpo e voz nessa polifonia. Você que lê, ao se relacionar com elas, pode ser tocado, afetado; se esse encontro for para você uma experiência, nos termos larrosianos, existe a possibilidade de torná-las próprias, entrelaçá-las com seus dizeres, vivências, afetos, saberes, formando e transformando suas grafias de mundo, seu fazer cidadão.

Deleuze, em seu texto *O Ato de Criação*, enuncia: “É em nome de minha criação que tenho algo a dizer para alguém” (DELEUZE, 1999, p. 4). É em nome de nossas potências criativas que temos algo a dizer para alguém, que temos a possibilidade de afetar. Um dizer não como regra, cartilha, mas como potência, intensidade, provocação. Um dizer que se pretende força aumentativa de ação ao encontrar um corpo exposto, aberto a experimentar e se experimentar nesse movimento. Esse dizer não é e nem se pretende normativo, porque:

O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está [...] fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma

personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo) (LARROSA, 2015, p. 32).

O que podemos é afetar e sermos afetados. É, em nossos modos de fazer, proliferar a vida, as diferenças, para sermos sempre outros e com outros. Expormo-nos à constante reconfiguração, tanto no aspecto experiencial quanto no sensível; tanto na questão ética como na estética. E esse, como dito, é o grande movimento deste trabalho: expor-se, entrar em contato, para ser afetado e afetar, ser grafado e grafar, experienciar e partilhar a partir dos encontros urbanos que experimentei, nas mais diversas escalas. Um fazer cidade múltiplo, polifônico, intensivo, corporal.

Seguimos, então, em duas frentes, que a todo instante se tocam, atravessam, cruzam, conectam: primeiro, apresentando quais forças, inquietações, vozes e encontros foram configurando e configuram até agora uma (minha) ética do habitar urbano. Segundo, como partilha de um dizer, de uma grafia criada a partir dessas experiências, dessa polifonia que me passa, das forças que me afetam e mobilizam e que escolho para tornar próprias e produzir uma (minha) voz nesse coro urbano.

Larrosa, ao escrever sobre o ofício do professor, descreve o desafio de compartilhar de forma estética nossas experiências. Ele diz da experiência de se relacionar com um livro e com a leitura, e retrata o modo como o professor partilha essa experiência com os alunos. Podemos, porém, trocar o livro pela cidade, nosso interesse de exposição.

Mostrar uma experiência não é ensinar o modo como alguém tenha se apropriado ~~do texto~~ (da cidade), mas como ~~ele~~ (ela) foi ~~escutado~~ (escutada), de que maneira alguém se abre ao que ~~o texto~~ (a cidade) tem a dizer. Mostrar uma experiência é mostrar uma inquietude. O que o professor transmite, então, é sua escuta, sua abertura, sua inquietude. E seu esforço deve estar dirigido para que essas formas de atenção não caiam no esquecimento por qualquer forma de dogmatismo ou satisfação [...] O que o professor deve transmitir é uma relação com ~~o texto~~ (a cidade): uma forma de

atenção, uma atitude de escuta, uma inquietude, uma abertura [...] manter aberto um espaço em que cada um possa encontrar sua própria inquietude (LARROSA, 2004 *apud* LARROSA, 2011, p. 15).

Este é nosso desafio: partilhar experiências cidadinas polifônicas de modo a não definir, impor um ponto final às palavras, entendimentos, sentidos, para que cada um encontre a própria inquietude na relação. Tornar o mundo, a cidade, os afetos, as palavras, as experiências, as geografias, a vida de quem encontrar com esse sensível partilhado mais interessante, de modo a aumentar a potência de agir dos corpos que dividem a experiência desse encontro.



Rua Presidente Afonso Pena

*(Experimentar - Partilhar -
Transformar)*

Manoel de Barros escreveu "meu quintal é maior que o mundo". Aqui é o meu quintal. Desde pequeno. Desde que me entendo criança, que ainda sou. Criança que brinca, faz arte, levada, cheia de energia, que nunca está sozinha. Aqui sempre tive a companhia de outras crianças de diversas idades. Muitas histórias, afetos, sensações, descobertas, relações. Gerações que se encontram, se encantam, se conectam. Quintal de terra batida, de pé no chão, sombra de pitangueira e aceroleira, hortênsias e roseiras, flores para chá e xarope, de cadeado fingido. Minúcias que precisam de tempo, envolvimento, abertura, exposição para se ater aos detalhes, fragmentos, infinitas possibilidades que se abrem neste quintal, que o fazem, por todo encantamento que em mim produz, para continuar nas palavras de Manoel, ser maior que o mundo.



Casa da Jo'

No texto *Desviando Olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem*, o professor Queiroz compartilha um exercício praticado com seus alunos em uma aula de campo em Cumuruxatiba-BA. Ele utilizou o que chamou de “tutores” para evitar que os alunos fossem capturados pela “armadilha do olhar condicionado pelas imagens turísticas dispostas na internet” (QUEIROZ FILHO, 2012, p. 109). Como observamos na Figura 1, um dizer reduzido “ao lugar-Praia ou ao lugar-Turismo” (QUEIROZ FILHO, 2012, p. 109).

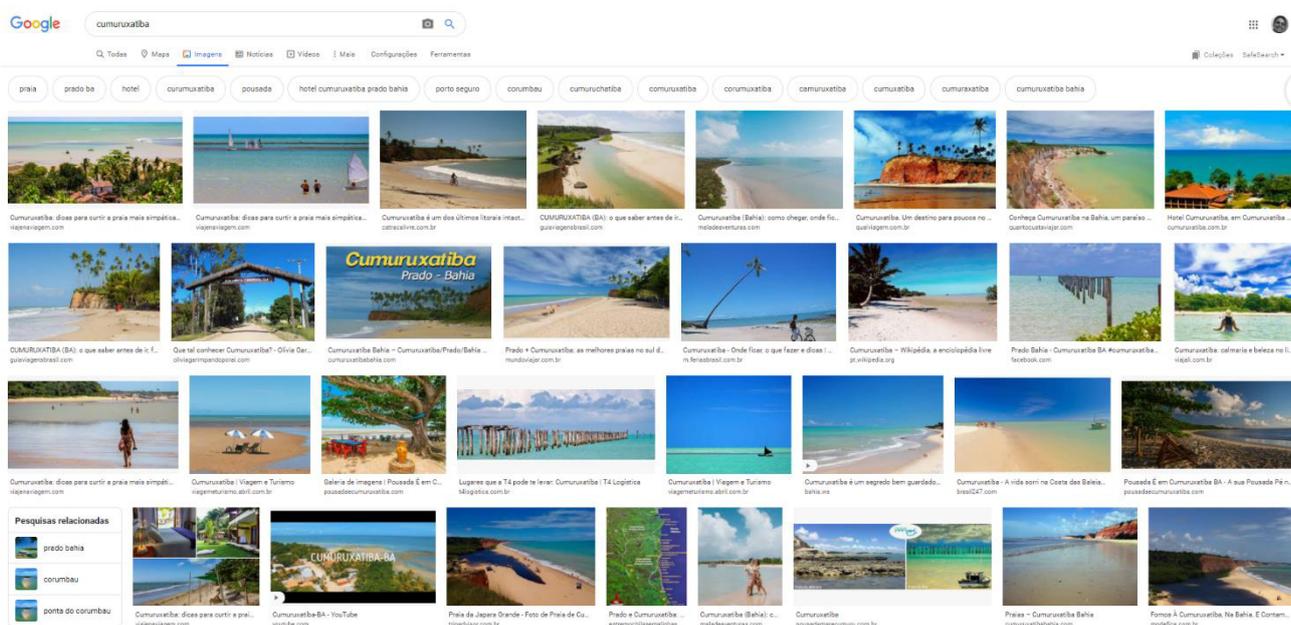


Figura 1 - Captura de tela dos primeiros resultados pesquisando por "Cumuruxatiba" no Google Imagens.

Ele designou um pintor para ser “tutor” de cada grupo, de modo que cada artista emprestou “seu modo de ver o mundo, configurado nas telas e grafado pelas suas pinceladas” (QUEIROZ FILHO, 2012, p. 108). Os estudantes analisaram, antes de ir a campo, obras de Jean-Baptiste Debret, Tarsila do Amaral, Frans Post e Johann Moritz Rugendas. Desse estudo, determinaram “‘marcas’ contidas em suas obras, espécie de identidade visual, ou seja, sobre o que eles tratavam e como eles traduziam suas precepções nas telas.” (QUEIROZ FILHO, 2012, p. 109). Essas marcas balizaram a produção dos relatos de cada grupo, constituindo forças variantes que possibilitaram aos alunos experimentarem Cumuruxatiba a partir de outras entradas, relações, olhares, dizeres, fazeres, perspectivas que não o senso comum, a imagem clichê, a normativa.

Canevacci afirma que esse movimento é basilar para se pensar e experimentar a cidade na perspectiva polifônica, uma cidade que é “narrada com diversas técnicas interpretativas, cada qual diferente uma da outra, mas convergindo todas para a focalização de um paradigma inquieto” (CANEVACCI, 2004, p. 18). Os “tutores” possibilitaram ao grupo outra forma de experimentar e dizer sobre o local, diferente das promovidas pelas agências de turismo, por exemplo. Ensejaram outro movimento de produção de significados para Cumuruxatiba. Observamos nas imagens contidas no artigo os atravessamentos desses “tutores” na produção do dizer dos grupos (Figura 2).

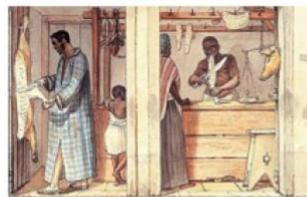


Figura 1 - Montagem: o trabalho e o cotidiano em Debet e em Cumuruxatiba

Figura 2 - Montagem: o trabalho e o cotidiano em Debet e em Cumuruxatiba



Figura 4 - Montagem: paisagens em Tarsila e em Cumuruxatiba



Figura 3 - Montagem: paisagens em Debet e em Cumuruxatiba

Figura 2 - Montagem das imagens contidas no artigo Desviando Olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem, apresentando a relação entre a obra do "tutor" e a produção de cada grupo.

Essa diversificação de dizeres potencializa, para quem se dispõe a tal abertura, um pensar sempre em movimento, desassossegado, de quem não se contenta com o

que é dado ou com o que já tem, querendo sempre algo mais, querendo sempre inquietar-se com algo novo. Algo novo quer dizer se relacionar, se abrir à cidade a partir de outros contextos e entradas, tomado por outras forças, de modo a transformar nossa experiência e voz, o que nos passa, toca, mobiliza, transformando nosso corpo e suas grafias de mundo. Por isso o professor Queiroz expressa a importância de “reconhecer o processo criativo como sendo autoral e não representacional, no sentido de olhar para as imagens e dizer: aqui é assim” (QUEIROZ FILHO, 2012, p. 109).

Pensar o processo criativo como algo autoral passa por entender que as produções são partilhas de como um autor, em determinado contexto e tomado por certas forças e intencionalidades, se relacionou com o que experimentou. Propor um “tutor”, como no caso do artigo, é promover intencionalmente um encontro com todas as transformações e reconfigurações que ele pode causar, de modo a provocar “deslocamentos imprevisíveis e inesperados, que rompem com a harmonia do senso comum, produzindo diferença” (MOSSI, 2015, p. 1546). Aqui reside o interesse nesse processo: a possibilidade de utilizar características de obras produzidas por outros para provocar um tensionamento em meu(s) dizer(es) com a e a partir da cidade, trazendo para perto um olhar estrangeiro desenraizado, que me possibilite variar, perceber diferenças em minhas familiaridades cidadinas, no que me é demasiadamente costumeiro.

Provocar intencionalmente um encontro, mistura, entrelace com outros fazeres citadinos, no que tange tanto à questão experiencial quanto à sensível; encontros que (re)configuram e tocam tanto em uma questão ética quanto estética. Falo de estética aqui a partir dos cruzamentos, conexões, atravessamentos e preenchimentos pelos quais Jacques Rancière nos faz transitar em seu livro *A Partilha do Sensível: estética e política*, ou seja, como “um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações” (RANCIÈRE, 2005, p. 13). Dessa forma, trata-se de provocar encontros que constantemente mobilizem minhas geo-grafias a partir dessas duas escalas intensivas e da diferença que se cria nesses *entres* possíveis.

Esse movimento, como dito, me inquieta em dois aspectos. Um é o que toca o artigo do professor Queiroz, referente à polifonia do objeto, ou seja, à provocação

de uma variação das vozes, contextos, forças que atravessam minha experiência cidadina, ensejando a experimentação de múltiplas vozes nesses movimentos de significação urbana. Tornando esse processo algo transitório, sempre em ação de fazer-se, nunca estático. O segundo está associado à polifonia do método, ou seja, a uma variação na “estética” (RANCIÈRE, 2005), na forma como articulo experiência e linguagem para dizer de minhas e a partir de minhas inquietudes, de meus e a partir de meus encontros urbanos.

Nesta tese, o segundo ganha destaque, embora não esteja desarticulado do primeiro, por serem movimentos coexistentes em minhas grafias de mundo. Volto a atenção para maneiras de tensionar e questionar o como dizer, para o modo como dou a ver isso que me passa na, com a e a partir da cidade, por entender, assim como Jorge Larrosa, que:

o conformismo linguístico está na base de todo conformismo [...]. Também poderíamos dizer que não há revolta intelectual que não seja também, de alguma forma, uma revolta linguística, uma revolta no modo de nos relacionarmos com a linguagem e com o que ela nomeia. Ou seja, que não há modo de “pensar de outro modo” que não seja, também, “ler de outro modo” e “escrever de outro modo” (LARROSA, 2003, p. 102)

Escrever de outro modo. Essa é minha escolha e tentativa de combater, tensionar, meus conformismos. Escolha e tentativa de provocar em mim, nas mais diversas escalas, variações. Por isso, neste trabalho, nosso interesse se volta para a estética, para a articulação entre experiência e linguagem. Porque é com a e na escrita que intencionalmente provooco encontros. É com ela e a partir dela que minhas experiências cidadinas são revisitadas, reexperimentadas, tornadas outras por outros, com outros, a partir de outros.

Novas experiências a partir do momento em que as torno palavras, dos encontros que promovo entre elas e as palavras, outras palavras, que não as minhas, a partir do momento em que viram grafias de mundo feita e refeitas por um corpo, meu corpo. A partir do momento em que compõem minhas geo-grafias. Experiências

que se tornam palavras. Palavras que se tornam experiência. Tornar-se. Re-tornar-se. Sempre outro, sempre diferente, sempre com a e a partir da diferença.

Como dito, meu modo de conduzir-me e a questão estética não estão desarticulados. Romper e tensionar a habitualidade e o conformismo que compõem meus processos de escritas, ou seja, escrever sobre a e a partir da cidade de outros modos provoca também variação na forma de pensá-la, lê-la, experimentá-la. Jorge Larrosa argumenta que essa reverberação ocorre, pois “diferentes maneiras de dizer nos colocam em diferentes relações com o mundo, com nós mesmos e com os outros”(LARROSA, 2015, p. 58). Por isso o esforço de variar o dizer, para na, com a e a partir da linguagem, experimentar essa dimensão polifônica urbana de que fala Canevacci, tanto do objeto quanto do método.

Cristian Poletti Mossi também trata dessa relação entre a dimensão discursiva e a dimensão da experiência ao dizer:

[...] ao invocar certos conceitos, imagens e noções a fim de minimamente repensar algumas das relações que se estabelecem em um âmbito que associa corpos, indivíduos, organismos e ambientes, também se está lançando possibilidades experimentativas no sentido prático, para além de mecanismos simplesmente teóricos (MOSSI, 2015, p. 1550).

Repensar com as, nas e a partir das palavras esse entrelaçamento, esses encontros, essas transformações e ressignificações nas experiências citadinas, ou seja, nesse espaço que associa corpos, indivíduos, organismo e ambiente: “Trata-se de dar outras velocidades ao pensamento, de fazê-lo percorrer mapas não representacionais, mas inventivos, produtivos de percursos impensados; de tensionar o que é dito e o que é visto a fim de propor outras dobras” (MOSSI, 2015, p. 1550). Outras dobras que acabam modificando “o que está sendo teorizado, intervindo em outras possibilidades produtivas da própria ação” (MOSSI, 2015, p. 1550) discursiva e experiencial.

Eis o motivo de trazer esse olhar estrangeiro ao que escrevo e ao modo como escrevo, para criar outras possibilidades produtivas, provocar e ter prazer nisso. É o perder-se, de que tratam Canevacci (2004) e Agier (2015). Perder-me em minhas

escritas e no que escrevo para romper com a harmonia do senso comum, da escrita, da minha escrita sobre a e a partir da cidade.

A criação de outras possibilidades discursivas cidadinas neste trabalho ocorreu conduzindo-me de forma semelhante ao proposto no artigo do professor Queiroz, porém com um ponto de divergência. Não atravessei minha escrita, nesse exercício de variação, tomando emprestado o modo de ver o mundo de outros autores, a partir de determinadas características que perpassam suas produções. O que trouxe para perto, nessa tentativa de escrever de outros modos, foram singularidades de alguns textos e autores que para mim são moradas. Particularidades de determinadas obras da linguagem e de quem as produz, que me afetam, aumentam minha potência de agir, não só pela maneira como trabalham conceitos, metodologias e temáticas cidadinas, mas também pela forma de usar as palavras, pelo estilo da escrita, cadência, ritmo, forma de argumentar, a poética de certa organização textual. Envolver-me não só pelo que dizem, mas também pela maneira como dizem.

Diria, dessa forma, que minha escrita foi afetada, atravessada, tensionada a partir do que Deleuze, em seu livro *Conversações*, chama de “intercessores” (DELEUZE, 1992). Para ele, “a criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas [...] mas também coisas, plantas, até animais [...]. Fictícios ou reais, animados ou inanimados” (DELEUZE, 1992, p. 156). Jorge Vasconcellos, em seu texto *A Filosofia e seus Intercessores: Deleuze e a não-filosofia*, ao discutir esse conceito, escreve que “os intercessores são quaisquer encontros que fazem com que o pensamento saia de sua imobilidade natural, de seu estupor” (VASCONCELLOS, 2005, p. 1223). Intercessores como qualquer encontro com humanos ou não humanos, fictícios ou reais, animados ou inanimados que possibilitam a criação, provocando uma torção no pensar e o tirando da imobilidade, da zona de conforto.

Deleuze afirma que “o essencial são os intercessores” (DELEUZE, 1992, p. 156), pois é com eles e a partir deles que há criação. A partir do aumento de nossa potência de agir, que eles provocam, criamos. Na relação com quem ou com o que, para nós, são intercessores, que a diferença cria possibilidades outras no entre que se produz. Nesse encontro, não se forma “uma zona de separação, mas de pura intensidade” (BRITO, 2013, p. 7), de puro devir.

Wenceslao Machado de Oliveira Jr. e Gisele Girardi escreveram um texto intitulado *Geografias do Artista Quando Coisa. Marcelo Moscheta e Manoel de Barros como Intercessores Geográficos*. Nele, argumentam que os intercessores “andam ao lado, pois nunca seguem ou são seguidos, funcionam como aliados do estranhar-se e é assim que produzem um ‘entre’ no qual se dá a criação” (OLIVEIRA JÚNIOR; GIRARDI, 2018, p. 19). Por nunca seguirem ou serem seguidos, pensar nos intercessores como possibilidade da criação de novos possíveis não se associa a utilizá-los como modelo, “decalque, ideias sedimentadas” (OLIVEIRA JÚNIOR; GIRARDI, 2018, p. 20) a serem copiadas, imitadas.

Andar lado a lado é troca, mistura, produção conjunta, composição de forças, de corpos, mobilização de intensidades, sensibilidades, cada um afetando e se deixando afetar, transformando e sendo transformado. E nesse *entre* algo novo é produzido. Um com o outro, um composto e conjugado com o e a partir do outro. Entrelace. Mistura. Não é “apenas a reunião ou o ajuntamento de corpos, mas o que acontece aos corpos quando eles se reúnem ou se juntam, sempre sob o ponto de vista de seu movimento e de seus mútuos afectos” (TADEU, 2002, p. 56).

O que interessa aqui são os novos percursos, cruzamentos, conexões, modos de fazer que os intercessores nos fazem percorrer. Os signos não percebidos que eles introduzem nessa relação, fazendo minha grafia de mundo variar, transformando meu fazer cidadão. Caminhar lado a lado com diferentes intercessores nos dispõe em diferentes relações com o mundo e com os outros, com nós mesmos, a escrita e a geografia. Por isso “não se trata apenas de uma questão de soma, mas de encontro ou de composição. Não apenas a simples justaposição assinalada pela conjunção ‘e’, mas a complexa combinação implicada pela partícula ‘com’” (TADEU, 2002, p. 56). Uma geografia feita com intercessores, que cria com intercessores e se deixa criar com eles.

Tais grafias de mundo são *compostas* a partir da apropriação que fazemos dos intercessores, envolvendo-os em um conjunto distinto de forças do qual foram retirados. Uma recontextualização que ocorre porque “aquele que produz qualquer obra na e pela linguagem, [...] [dá] a ver os traços de sua grafia, o peso de sua mão, os impulsos, os suspiros, as escolhas e intencionalidades” (QUEIROZ FILHO, 2012, p. 109) naquilo que produz. Se posiciona, grafia autoral, mesmo que lado a lado com intercessores.

Segundo Cristian Mossi, constantemente “estamos produzindo nosso corpo em meio às afecções dispostas nos percursos a que somos submetidos e a todo o tempo prolongamos esse mesmo corpo naquilo que ofertamos ao mundo como resultado de nossos trânsitos e de nossos encontros” (MOSSI, 2015, p. 1544). Escrever de outro modo, a partir da experiência criativa de encontros com intercessores, é prolongar esse corpo afetado, sensibilizado, inquietado, desassossegado nas palavras, pelas palavras e com as palavras. Prolongar um corpo mobilizado, quando atravessado por maneiras outras de fazer cidade. Fazeres que potencializam minha incompletude, aguçam minha insatisfação, me fazem querer sempre algo a mais com a e da cidade. Fazeres que são, de forma imbricada, temas de minhas geografias, de meus escritos, prolongamentos ofertados neste trabalho. São eles:

- as múltiplas formas do habitar citadino;
- as múltiplas experiências urbanas;
- o encontro com o e no outro na e da cidade;
- diferentes maneiras de dizer que as distintas formas de se expor à cidade possibilitam.

Temas. Proposições. Assuntos a serem desenvolvidos. Questões mobilizadoras, sobre as quais converso nos encontros com meus intercessores. Não com o intuito de concluí-las, defini-las, por ponto final, mas para mantê-las assim, questões. Questões que me inquietam, tiram a cidade, para mim, de sua habitualidade. Mantê-las assim, não como imobilização do pensamento, conservação de posição, mas como constante processo de inquietar-me com elas, com o que delas e a partir delas pode-se criar de novo a cada produção de outro entre, a cada novo arranjo que as diferenças possibilitam produzir. Mantê-las assim para sempre serem outras, diferentes, transformadas, iniciarem uma conversa, minhas conversas, novas conversas. Para sempre iniciarem uma geo-grafia, minhas geo-grafias, novas geo-grafias.

A partir dessas questões mobilizadoras e movido pelo desafio de escrever de outros modos, experimentando uma escrita lado a lado com meus intercessores, num movimento de partilha de inquietudes cidadinas, produzi o que decidimos chamar de

Ensaio-Poético-Geográficos. Exercícios de escrita que têm como percurso criativo um esforço de variação estética a partir dos aspectos que os interlocutores trazem para a conversa, para a experimentação. Aspectos, forças, fazeres trazidos para perto, incorporados, tornados próprios.

Ensaio-Poético-Geográficos. Cada palavra opera de um modo nessa relação-encontro e agencia certas forças criativas. Dizem delas mesmas ao mesmo tempo em que dizem das outras, com as outras, a partir das outras e delas mesmas, e das relações que criam e são criadas nesse e desse entrelace.

Se digo que são ensaios, é por caminhar lado a lado com Jorge Larrosa quando ele discute as potencialidades desse gênero textual em seu texto *O Ensaio e a Escrita Acadêmica* (2003). Um desses aspectos é a autonomia de escolher “um corpus, uma citação, um acontecimento, uma paisagem, uma sensação, algo que lhe parece expressivo e sintomático, e a isso dá uma grande expressividade (LARROSA, 2003, p. 111). Ensaio como escrita a partir do que nos toca, nos passa, do aspecto que nos arrebatava e nos transforma nas experiências citadinas. Escrever como signo não percebido que encontramos em outrem, como uma diferença que encontramos no diferente, promove uma recontextualização em nossas grafias de mundo.

Escrever a partir do que nos é sintomático oportuniza um texto que “inicia no meio e termina no meio, começa falando do que quer falar, diz o que quer e termina quando sente que chegou ao final e não porque já nada resta a dizer, sem nenhuma pretensão de totalidade” (LARROSA, 2003, p. 112). Essa escrita tem por compromisso apresentar o modo segundo o qual algo aconteceu, quais conexões foram feitas, como o sujeito da experiência foi dando sentido ao que lhe passou, porque aquilo lhe é expressivo; quais reverberações foram provocadas, de que maneira ele foi transformado, variado, quais caminhos outros percorreu, a partir dessa relação. Como ele se inquietou.

Por isso, no ensaio, o importante não é a posição do sujeito ou a o-posição ao sujeito, mas a exposição do sujeito; uma exposição que é um experimento de si no sentido ativo de quem faz uma experiência ou no sentido passional de quem padece uma experiência. O sujeito do ensaio, a primeira pessoa do ensaio, é um sujeito, ou uma

primeira pessoa que se ensaia, um sujeito ou uma primeira pessoa experimentador e experimental (LARROSA, 2004, p. 38).

Ensaiair e ensaiar-se. Escrever e escrever-se. Experimentação de si, nesse processo, e da escrita, da cidade, dos temas, de formas de se expor e entrelaçar tudo isso. Ensaiair para experimentar encontros, ver como um tema, objeto, cidade, aspecto, signo, sujeito da experiência se relaciona com “outrem” (DELEUZE, 2009) com a e a partir da escrita, da linguagem. Como nessa escrita lado a lado são agenciadas forças outras que afetam e aumentam a potência de agir, tanto na questão sensível quanto na experiencial.

Não se ensaia, não se escreve sobre o que já se sabe. Escrevemos para (re)descobrir, (re)experienciar, (re)desestabilizar o já sabido, conhecido, dito, sentido, experimentado. Ensaio para trilhar novos caminhos, criar outros entres, compor nossas grafias de mundo a partir e com outras diferenças, vozes, afetos, forças. Ensaio para na, com a e a partir da linguagem, experimentar encontros citadinos, a polifonia urbana, olhar obliquamente o superconhecido, lançar um olhar estrangeiro às nossas familiaridades, habitualidades, trazer para perto aspectos antes longínquos, não percebidos. Ensaio para experimentar diferentes maneiras de dizer, de me expor à diferentes relações com o mundo, comigo mesmo e com os outros.

Esses ensaios têm como intuito prolongar nas letras, nas palavras, nas frases minhas inquietações citadinas. São partilhas com o intuito de que assim permaneçam, desassossegos, provocações. Isso é possível, pois não é pretensão dos Ensaio-Poético-Geográficos “propor significações transcendentais, [mas] produzir agenciamentos provisórios no aqui e agora” (MOSSI, 2015, p. 1548). Produzir o que Adorno, em seu tão conhecido texto *O Ensaio como Forma*, já nos apontava como característica desse gênero textual: não ter como premissa a procura do “eterno no transitório, nem destilá-lo a partir deste, mas sim eternizar o transitório” (ADORNO, 2003, p. 27), potencializar e prolongar uma experiência de transformação, de variação, tanto em quem escreve como em quem lê.

Ensaiair a partir de questões citadinas mobilizadoras, então, é esforço e exercício de prolongar na e com a linguagem essa polifonia experiencial do urbano, que é “sobretudo dinâmico, caótico e fragmentado, e sempre inunda qualquer

pretensão da linguagem em abarcá-lo, unificá-lo, fixá-lo, simplificá-lo, compreendê-lo e ordená-lo” (LARROSA, 2015, p. 89). Assim, o que entendo podermos, desejarmos e tentarmos é produzir vozes autorais que potencializem e produzam processos de subjetivação que perpetuem esse caos, ou seja, “fazer com que nada se estabilize” (OLIVEIRA JÚNIOR; GIRARDI, 2018, p. 19). Nem as vozes dessa polifonia, nem a cidade, nem quem escreve, nem quem lê, nem as palavras, nem as experiências, nem o texto, etc.

Ensaio, me ensaio, a partir de um gesto de abertura que experimentei e prolongo para ser prolongado em outro, por outros corpos. Partilho para que seja repetido, revivido, tornado próprio, conjugado com outras forças, em outros contextos e atravessamentos. Desse modo, essa partilha se aproxima do que Carlos Skliar chama de sensação do mundo. Ele é enfático ao dizer: “Não, não deixe que isso que te dão seja uma concepção do mundo. Peça, isso sim, que te deem uma sensação do mundo” (SKLIAR, 2014, p. 60). Para ele, “ter uma sensação do mundo quer dizer, apenas, que se pensa com o corpo” (SKLIAR, 2014, p. 61), ou seja, que a mobilização do pensamento passa pela forma como um corpo é tocado, passado, acontecido. Escrever a partir de um corpo, meu corpo, mobilizado, para mobilizar outros corpos, inclusive o meu. Para produzir pensamentos e ações a partir de encontros citadinos na e pela linguagem, tanto em quem escreve quanto em quem lê.

Texto-encontro. Texto-experimentação. Texto-cidade. Texto-inquieto. Texto que na leitura “fala para nós, nos fala: fala para nossa escrita, para nossa conversação, para nosso pensamento, para nossa maneira de viver” (LARROSA, 2015, p. 142). Na leitura desse texto, “o importante não é o que o texto diz, aquilo a que o texto se refere, e sim o que o texto nos diz, aquilo para onde o texto se dirige. Não se trata de revelar um saber sobre o texto, mas sim de fazer a experiência do texto” (LARROSA, 2015, p. 142). Experiência potencializada pela poética, por isso ela é a palavra que está ao lado de ensaios.

O ensaio é a forma do texto, a poética é a função. Ambos trabalhando juntos, potencializando um ao outro, as características uns dos outros e a experiência do, no e com o texto. Porém não é qualquer poética. Trago para essa escrita, lado a lado, a que nos apresenta o poeta pantaneiro Manoel de Barros. Para ele “a poesia é a loucura das palavras” (BARROS, 2010, p. 153), ou seja, ele faz, na poesia, com que as palavras

se afastem de sua normalidade, de seu uso corriqueiro, dando outros sentidos, outras conotações, abrindo-as para que nelas possa entrar e preenchê-las com outras significações, atravessamentos, conexões, cruzamentos, experiências.

Manoel, em seu poema *Comportamento*, escreve:

Não quero saber como as coisas se comportam.
Quero inventar comportamentos para as coisas.
Li uma vez que a tarefa mais lídima da poesia é a
de equivocar o sentido das palavras
Não havendo nenhum descomportamento nisso
senão que alguma experiência linguística.

(BARROS, 2010, p. 395)

Uma experiência linguística que equivoque o sentido das palavras. Posso dizer que essa proposta baliza os Ensaio-Poético-Geográficos. Textos que pretendem fazer escorregar o sentido de cidade, direcionando-o para a invenção de outros comportamentos para essa e outras palavras que compõem e utilizamos para dizer de nossas experiências citadinas. Por isso não é concepção de mundo, porque não é o intuito escrever como as coisas se comportam, e sim sensação de mundo, porque é como um corpo consegue, na relação, inventar outros comportamentos, sentidos, significados para o que experimenta. Processo de desnaturalização, estranhamento, inquietação que se experimenta e dá a ver, dá a ler, nas, com as e a partir das palavras.

Dá-se, porém, não “como proprietário das palavras e de seu sentido, aquele que dá como dono daquilo que dá [...] esse dá ao mesmo tempo as palavras e o controle sobre o sentido das palavras e, portanto, nas as dá” (LARROSA, 2017, p. 20), as impõe. Dá-se, aqui, indo ao encontro dessa poética em que “toda proximidade com o sentido é *criada*, ela não é achada ou encontrada pronta” (SOUZA, 2017, p. 124), ou seja, “dar as palavras sem dar ao mesmo tempo o que dizem as palavras [...], retirando ou interrompendo ao mesmo tempo o que dizem [...] para dar assim o infinito durar das palavras, sua possibilidade de dizer sempre de novo mais além do que já dizem” (LARROSA, 2017, p. 20).

É um texto cuja poética opera desnaturalizando, suscitando estranhamentos e inquietações. Experiências cidadinas partilhadas nas palavras, com as palavras e a partir das palavras. Porém, sem impor seus sentidos e sim dividindo processos, maneiras, possibilidades, ou com diz Manoel, começos. Por isso trazer para perto a poética manoesca, pois ela é composta somente de “começos, que é sempre começo começando: um começo que nunca termina, um começo que [re]começa a cada vez que o poeta escreve: ‘Na ponta do meu lápis há apenas nascimento’” (SOUZA, 2017, p. 122). Palavras, cidades, experiências, sentidos, relações, encontros, processos que [re]começam a cada vez que se escreve, a cada vez que se lê.

É sempre começo, porque o sentido nunca está anterior ao que se escreve, nunca está anterior ao que se lê, é uma relação criada no momento. “O sentido nunca é uma coisa em si, ele é um *elo*, um *agenciamento*” (SOUZA, 2017, p. 125). Ele é criado a partir da interação e do choque entre as forças que operam nesse acontecimento, ele [re]começa a partir desse entrelace de corpos, a partir de cada experiência, de cada escrita, de cada leitura. Escrita em devir-criança. Essa criança manoesca.

Escrever como criança peralta, ou como o título de um livro de Manoel diz, nesse *Exercício de ser Criança*, é possível, pois esse estado de infância ao qual me exponho e que experimento ao escrever aqui é entendido como escreve Mia Couto: “A infância não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreender-mos, para nos deixarmos encantar” (COUTO, 2011, pp. 103-104). É um modo de fazer que não entende seu objeto como acabado, mas em eterno processo, em constante tornar-se, de modo que ainda é possível criar outras formas, surpreender-se com outras descobertas, se encantar com outros arranjos, estilos e contextos que podem ser produzidos e tornados próprios, com outros comportamentos que podemos dar para nossos textos, palavras, grafias de mundo, habitares urbanos, encontros cidadinos, as nossas geografias.

A poética manoesca convida, e aceito esse convite nos Ensaio-Poético-Geográficos, a “práticas brincativas de desaprendizagens” (SOUZA, 2016, *on-line*), nas mais variadas escalas. Desaprender o que sei, sou, sinto, grafo, sobre a cidade, as palavras, desaprender com outro, sendo outro, lado a lado com o outro, desaprender com os e a partir dos intercessores, encontros, escritas, leituras. Desaprender para

reaprender e depois desaprender novamente. Exercício e esforço constante. Sentido transitivo, agenciado.

Cidade desaprendida e [re]aprendida constantemente. Cidade ensaiada. Cidade poética. Cidade de encontros, polifonias e afetos. Cidade experiencial e sensível. Cidade feita de palavras e gestos, a partir de palavras e gestos, com palavras e gestos. Cidade que para mim corresponde ao pantanal de Manoel.

O Pantanal poético não é um lugar que existe ao fim do caminho, ele é o próprio caminho poético que fazemos ao se aproximar dele, aproximando-nos ao mesmo tempo de nós [...]: uma aproximação, feita pelo poema, com aquilo que de poético há em nós, e não apenas nos versos. O poeta expressa o que há de poético nele para que o descubramos também em nós (SOUZA, 2017, p. 123–124)

Cidade-processo, que vai sendo feita e refeita no processo, mudando o processo e se mudando no processo, afetando e sendo afetada, jamais acabada, nunca é chegada e sempre [re]começos. Cidade que também é um dos meus intercessores. Escritos e ensaios que começam nela, a partir dela e com ela. Escritos e ensaios que dizem dela e de mim, dessa relação, desses encontros de que ela participa e os quais agencia. Cidade feita a partir e com o que há de poético em nós, com nossas escolhas e a partir delas, nossas aproximações e formas de se expor.

A poética brincada por Manoel com a ponta do seu lápis aumenta minha potência de agir, é afeto alegre em meu corpo, se prolonga em mim. Com ele descobri esse amor, encanto, anseio, inquietação pela incompletude, pelo desaprender, pela peraltagem com as palavras, esse modo de fazer que não quer saber como as coisas se comportam, e sim inventar comportamentos, começos. Descobri a potência de equivococar sentidos, de ser outros.

Essa poética que Manoel inaugura em nós e para nós “é inseparável da maneira como esse poeta cria seu estilo e inventa sua poesia, de tal modo que sua maneira de ser criativo pode servir para que o sejamos em outras áreas” (SOUZA, 2016, *on-line*). Por isso “Geográfico” é a terceira palavra, porque é a partir da, com a e na

geografia que experimento esse exercício de fazer caber essa maneira criativa em outras áreas.

Ensaio-Poético-Geográficos. Escritos que [re]começam uma geografia. Uma geografia que quer eternizar o transitório, mobilizar questões, sem pretensão de totalidade. Podemos abri-la e entrar, reexistir, insistir em existir nela, com ela. Uma geografia que prolifera a vida. Geografia experimentadora e experimental, tateante, de pés descalços, corpo atento, que não é achada pronta, precisa ser criada por cada um que se expõe a [re]começá-la. Geografia peralta, transbordante de afetos e polifonias. Uma geografia autoral.

O professor Queiroz escreve que Manoel “não tem o compromisso com a ‘verdade’, nem ao menos pretende explicar nada. Como ele mesmo diz, ‘a poesia serve para aumentar o mundo’” (QUEIROZ FILHO, 2019, p. 116). Uma geografia, então, que tem a poética manoesca como intercessora, caminhando lado a lado, pega essa maneira de ser criativo do poeta e experimenta, ela também, aumentar o mundo. “Aumentar o mundo é proliferar multiplicidade” (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 167). Ensaio-Poético-Geográficos, dessa forma, são experimentações com uma e de uma geografia que quer aumentar o mundo, proliferando, partilhando multiplicidades cidadinas.

Essa é a geografia que eu escolho [re]começar, mobilizar, experimentar, escrever, dar a ler, fazer. Uma geografia que o professor Queiroz a nomeia de criativa, “Geografia Criativa” (QUEIROZ FILHO, 2019). Ele escreve que o “criativo” aparece “para qualificar uma Geografia Contemporânea preocupada com o entendimento do ato de criar novas possibilidades de grafia de mundo e não apenas isso, mas de pôr em movimento no espaço como fluxo potencializador da vida” (QUEIROZ FILHO, 2019, p. 41), como força aumentativa da ação.

Por isso experimentar a aproximação entre ensaio, poética e geografia. Os traços que estão entre essas palavras não as estão separando, mas as ligam, promovendo um encontro, tornando-as intercessoras umas das outras. Se entendemos que “a criação são os intercessores” (DELEUZE, 1992), então o que esse encontro produz são possibilidades de criação. Uma aumenta a potência de agir da outra, na outra. Nosso interesse é explorar o modo como nesse processo a geografia amplia suas margens, tensiona suas fronteiras, questiona suas normativas. É

experimentar como nessa relação novos usos, funções, modos de fazer e dizer são possibilitados à Geografia.

Essa geografia que [re]começa em mim, comigo e a partir de mim, desse eu múltiplo, composto de vários, conjugado com tantos outros, é uma grafia de mundo que tem por prática a “repetição” (DELEUZE, 2006). Os Ensaio-Poético-Geográficos repetem a cidade produzindo diferentes encontros, relações, conexões dela, com ela e a partir dela. Repetem “não por insuficiência das palavras em dizer, mas justamente para produzir outros modos de dizer, a partir do excesso e do transbordamento” (MALUFE, 2017, p. 169). Para produzir cada vez mais vozes a partir de muitas vozes, nesse coro polifônico desarmônico cidadão.

Repetir é um modo de provocar diferenças, em primeiro lugar, e não um modo de reiterar o mesmo, ser repetitivo ou insistente, submeter o leitor a uma “mesmice” ou um déjà vu. Ou seja, não se trata de dizer “de novo”, mas sim, dizer “o novo”, ainda que travestido de “o mesmo”: a mesma palavra, a mesma expressão, a mesma estrutura, o mesmo som (MALUFE, 2017, p. 163).

Manoel de Barros escreve “repetir repetir – até ficar diferente” (BARROS, 2010, p. 300). Esse é o exercício com os Ensaio-Poético-Geográficos, experimentar com a e na linguagem diversas formas de repetir uma cidade a partir de diferentes formas de se expor, dizer, habitar, fazer para que nesse processo sua pluralidade, sua multiplicidade seja propagada, experimentada de diversas formas. Para constantemente [re]configurar outros modos de pensar, agir, fazer, dizer, nos tornar sempre outros a cada encontro, a cada escrita, a cada leitura, a ponto de ser sempre o primeiro, pois nem a cidade e nem nós permanecemos iguais depois de experimentarmos um encontro cidadão. Seja ele qual e onde for.



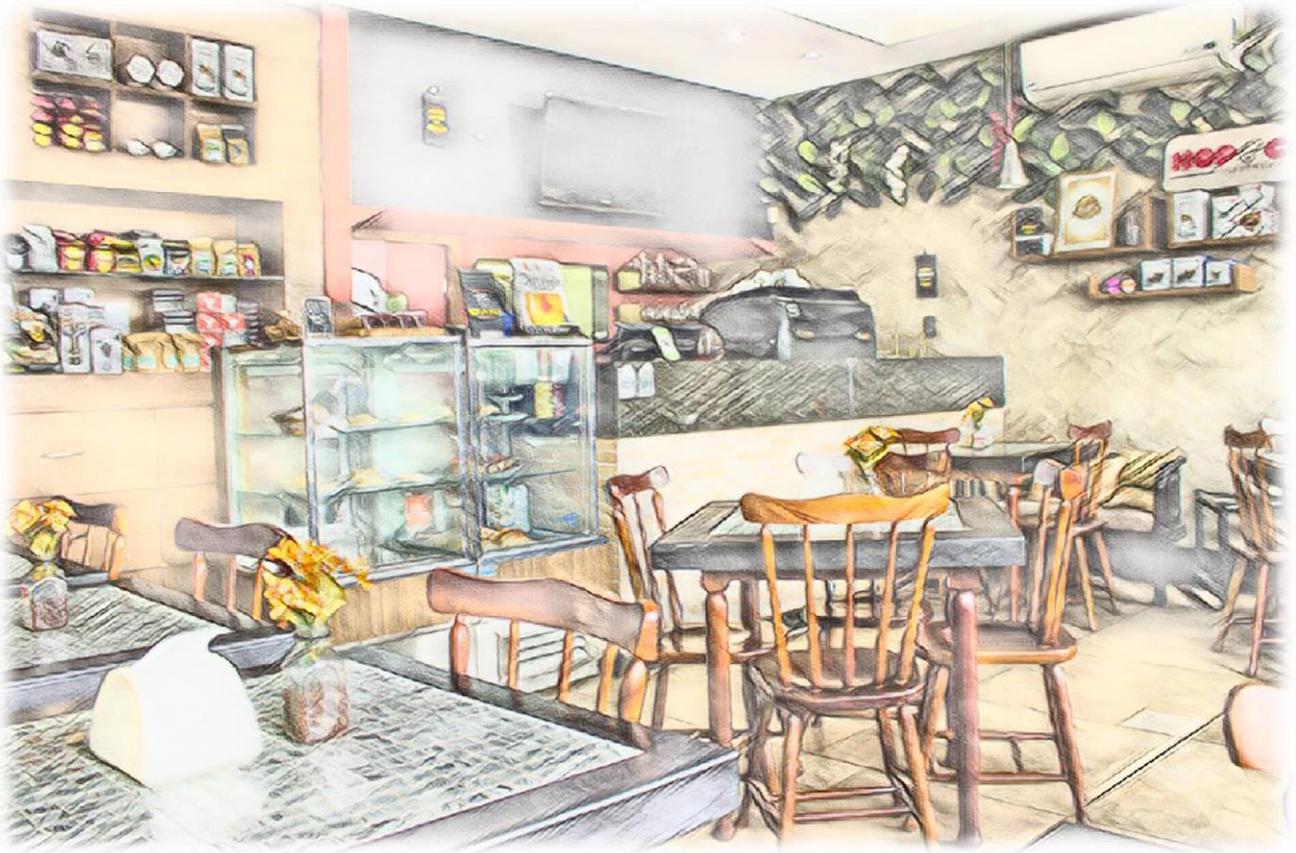
ENSAIO-POÉTICO-GEOGRÁFICO

Rua Darcy Grijó

(Encontros com-em-de cidades compostas)

Alguns textos se assemelham a bons e velhos amigos que encontramos para tomar um café. Neles, nos detemos por horas. Calmos, pausados, de longos momentos de escuta. Uma conversa como um bom café coado, que tem toda uma meticulosa preparação para, pouco a pouco, ir se constituindo, exalando todo o seu aroma perfumado, sua fumaça densa, sua cor brilhosa, para podermos saborear de corpo aberto, sentidos excitados. Assim, o livro *Corporema: por uma geografia bailarina*, do professor Dr. Antônio Carlos Queiroz Filho, e os parágrafos e versos entrelaçados que compõem a geografia ali criada, experimentada, partilhada, são os intercessores desse ensaio-poético-geográfico. Sempre que me disponho a esse café, me sinto um participante desse acontecimento. O texto continua em mim, se prolonga, toma meu corpo de um dizer-sentir-fazer-cidade. Toma a tal ponto que o tornei próprio, pelas, através e a partir das palavras.





Cafeteria

Encontramos com textos que nos transformam, formam, deformam. Encontramos com textos curtos que demoram horas para serem lidos. Textos que não acabam no ponto final. Textos que reivindicam outros textos. Organização de palavras produzidas por outras pessoas e que em algum momento encontramos e passam a fazer parte de nós. Damos lugares, contextos, sentidos, muitas vezes, quase sempre, provisórios. Textos em que, a cada retorno, novas partes são marcadas, outros comentários no canto da página são adicionados, outros sentidos para as grifadas são criados. Sim, meus livros, PDFs e textos impressos são todos coloridos, rabiscados, marcados por mim, pelos lápis, marca-textos, pelo momento em que os leio.

Em meus encontros com os textos do professor Queiroz, experimento outro encontro por meio do hífen. Um que já está em processo, ali, no texto, na linguagem, na expressão, e que me encontra, e eu encontro, nesse momento de construção, criação, produção. Esse é o encontro de palavras. Não palavras sequenciais, espaçadas, e sim ligadas, esbarradas, misturadas, contagiadas uma pela outra, atravessadas.

O hífen cumpre a função de uni-las, transformando-as em palavras compostas. Uma palavra formada por dois ou mais termos, que juntos, criam uma expressão que equivale a uma só palavra, com outro sentido. Cada termo afeta o significado do outro e juntos compõem relações, criando outras significações, caminhos, entendimentos possíveis.

Os encontros que me afetam de forma mais contundente e criativa são os citadinos. Em seu livro *Corporema: por uma Geografia Bailarina*, o professor Queiroz produz esse entrelace em diversos momentos. Dispõe a cidade para, conjuntamente, com uma série de outras palavras, virarem uma só, dizerem juntas, serem elas e outras ao mesmo tempo. Inquieta-nos com uma série de encontros, contatos, que ganham continuidade em nossos pensamentos, imaginação, corpos, em nossas geo-grafias. Por vezes, suspendo o olhar do texto e me deixo levar um pouco por esses encontros, por essas situações.

cidade-texto... cidade-música, cidade-arte³

³ (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 53)

Cidade-poesia
Cidade-Sensibilidade
Cidade-Palavra
Cidade-Grafia
Cidade-Linguagem
Cidade-Gesto
Cidade-Movimento
Cidade-Dança
Fazer-Cidade
Sentir-Cidade
Devir-Cidade
Diver-Cidade⁴

Nesses encontros, as cidades vão sendo feitas, refeitas, formadas, transformadas, reconceitualizadas, recontextualizadas, transfiguradas, modificadas. Cidades de uma só cidade. Cada termo que ela encontra inicia nova situação, produz outras aproximações, dilui fronteiras, entrelaça conceitos, sentidos, visões, movimentos. Cada palavra age como um *outrem* deleuziano, nem objeto, nem sujeito, e sim a expressão de um mundo possível (DELEUZE, 2009). A expressão de um outro possível para a cidade e para a outra palavra da relação. Em cada hífen, um novo mundo possível de contextos, significações, aproximações, visões, entendimentos, coexistências de habitar-cidade.

Esse processo é produzido como esforço para pôr a cidade sempre em movimento, em processo de tornar-se, jamais estagnada, fixada. O professor Queiroz nos provoca com esses encontros para não nos acostumarmos com o “gesto repetido de um modo único de dizer-cidade” (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 53). Promove uma variação nos termos e no leitor. Uma dupla operação. O hífen ocasiona o encontro entre as palavras e faz dessa junção um *outrem* que expressará um mundo possível para quem as lê.

Leitura do encontro, como encontro, como experimentação de um encontro. O encontro como possibilidade de fazer com que o gesto repetido de dizer-cidade não

⁴ (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 50)

seja unicamente vinculado a uma reprodução do mesmo, antes atuando como possibilidade, também, de proliferação da diferença, da pluralidade. Repetir como forma de escancarar a alteridade de um dizer-cidade que é múltiplo, que é outro a cada encontro. Cada encontro, outros encontros, agentes, relações, forças, operações de significação, outros do mesmo. Um mesmo que não se mantém nem em forma, nem em conteúdo. É mobilizado, atravessado, transformado, mas tem essa variação como parte constituinte, exercício contínuo, desejo. Agrega, mistura, incorpora algo novo a cada encontro. A cada encontro é o mesmo, porém repleto de outras alteridades que passaram a fazer parte e que modificam as relações do novos (re)encontros.

Ericson Pires, em seu livro *Cidade Ocupada*, também pensa o encontro como esse momento de transformação, de criação, quando as diferenças são potencializadas, evidenciadas, degustadas. Quando nos dispomos ao contato, a experimentar outros mundos possíveis. Por isso escreve que “no encontro realizo o *outro*. E realizo a mim mesmo como (o) *outro*” (PIRES, 2007, p. 11). Exponho-me às alteridades e exponho minhas alteridades. Exponho-me a outros dizeres citadinos e exponho meus dizeres citadinos. Nessa relação, afeto e sou afetado, transformo e sou transformado, e nesse processo, outras formas de grafar-cidade vão sendo criadas.

O encontro realiza a tradução efetiva de um evento de criação [...] A imensa teia tecida pelas singularidades preenche o vazio da indiferença produzida pela reprodução *ad infinitum* do mesmo. Esta teia é a arte de criar encontros, ou seja, de produzir pensamento como experimentação do outro, como busca do outro, da realização do outro que eu – também – sou (PIRES, 2007, p. 11).

Produzir pensamento como experimentação do outro. Talvez esse seja o grande esforço de meu fazer geográfico. Experienciar as possibilidades, novidades e potencialidades que esse outro tem e que se entrelaçam, se misturam e alteram o que sou, sei, digo, penso, vejo, enfim, o que e como produzo minhas grafias de mundo. Um constante estado de tornar-se outro, com um outro, a partir de um outro. Uma busca interminável dessa variação contínua, dessa recusa à estagnação do pensamento.

Tenho real interesse por um (esse) dizer-cidade transitório, contextualizado, que não se pretende único e hegemônico. Um dizer-cidade que possibilita a existência de outros tantos, que não se fecha a outros tantos, e cuja potência está em ser parte desses tantos.

Janice Caiafa escreve que essa profusão discursiva urbana confere uma característica sedutora, instigadora, envolvente da cidade. Caminho ao encontro dessa afirmação de que “o que as cidades nos oferecem de mais atraente é essa possibilidade de vislumbrar constantemente mundos estranhos, que não são o nosso e que podemos vir a conhecer” (CAIAFA, 2009, p. 96). Esse meu acordo é tanto por também entender a cidade como um dos locais por excelência para o encontro com a diferença quanto pelo tom facultativo que envolveu a afirmação da autora.

Essa oportunidade que Caiafa escreve não é algo que se concretiza de modo automático, somente pelo fato de se estar em uma cidade. Requer abertura, exposição, vontade de transformação, de escutar, observar, ver, sentir, tocar e ser tocado, passar e ser passado. Depende de como um corpo se disponibiliza aos encontros, pois “a capacidade afetiva do corpo – a capacidade de se afetar do corpo – torna-o espaço de constantes atualizações de potências de diferenciação” (PIRES, 2007, p. 18). Depende de como um corpo se expõe aos afetos, se é local onde a diferença tem vez, acolhida, solo fértil, potencialidade de proliferar. As cidades oferecem possibilidades de contato com mundos estranhos a nós, ao nosso, basta decidirmos como queremos nos relacionar: marginalizando ou tornando parte de nós mesmos, de nosso habitar-cidade, dizer-cidade, experienciar-cidade.

Jorge Larrosa argumenta que “o importante não é o texto, senão a relação com o texto” (LARROSA, 2011, p. 9), ou seja, a forma como damos lugar ao texto, a forma como percorremos caminhos outros a partir do texto ou de qualquer outra expressão de um mundo possível que possamos encontrar ao longo de nossos percursos. A questão é “o modo como em relação com as palavras [...] posso formar ou transformar minhas próprias palavras” (LARROSA, 2011, p. 10), como “pode ajudar-me a dizer o que ainda não sei dizer, o que ainda não posso dizer, ou o que ainda não quero dizer” (LARROSA, 2011, p. 11). A questão é como uma expressão de um mundo possível se torna possível em quem a encontra. Em como um outrem configura em nós uma “experiência” (LARROSA, 2011).

Desses tantos encontros que me formam e transformam, que são possíveis em mim, um verso de Carlos Drummond de Andrade, de seu poema *Resíduo*, faz morada em meu corpo: “de tudo fica um pouco”. Desse modo, me aproprio desse encontro e produzo algo a partir desse entrelaçamento. Da relação entre meus poucos e o pouco que em mim ficou.

De tudo fica um pouco.

Do encontro com o poema *Resíduo* ficou um pouco.

Dos encontros com as palavras do professor Queiroz, ficou um pouco.

Dos encontros fica um pouco.

Do outro sempre fica um pouco.

Às vezes muito pouco.

Mas de tudo fica um pouco.

Porém, o que acontece com esse pouco que fica?

Transforma?

Deforma?

Reforma?

O que acontece com esse corpo onde o que fica faz morada?

Somos formados por esses poucos das experiências, das leituras, das escolhas, do cotidiano, da família, dos programas de televisão, das imagens, dos amigos, dos amores, das músicas, das conversas, dos jornais, dos trabalhos, dos..., das...

Em nós, de tudo fica um pouco.

Cotidianamente encontramos com outros que veem, sentem e pensam o mundo de outra forma, a partir de outros poucos que os formam.

Desses outros, fica um pouco.

Fica um pouco da senhora no ponto de ônibus.

Um pouco dos percursos cotidianos.

Um pouco do calor intenso.

Um pouco dos locais que frequentamos.

Um pouco dos professores que tivemos.

Dos autores que lemos.

Das escolhas que fazemos.

Em nós, de tudo fica um pouco.
Um pouco da rua em que crescemos.
Um pouco dos amores.
Um pouco das paixões.
Um pouco dos carinhos e de quem nos aconchega.
Um pouco dos abraços que nos acolheram.
Das palavras que nos confortaram.
De tudo ficou um pouco.
Um pouco das normalidades.
Um pouco das regras.
Um pouco do senso comum.
Um pouco do habitual.
Preferível muito pouco, mas fica.
Fica um pouco das geografias as quais encontrei.
Das geografias que habitei.
Das geografias que proliferei.
Em nós, de tudo fica um pouco.
Um pouco dos encontros que promovi.
Dos encontros que vivi.
Dos encontros que os hifens me fizeram descobrir.
Em nós, de tudo fica um pouco.
Um pouco da cidade-concreto.
Um pouco da cidade-escrita.
Um pouco da cidade-lida.
Um pouco da cidade-declamada.
Um pouco da cidade-cantada.
Um pouco da cidade-poetizada.
Um pouco da cidade-vivida.
Cidade-sentida.
Cidade-experimentada.
Cidade-tocada.
Cidade-degustada.

Cidade-ouvida.

Um pouco da cidade-imaginada.

Cidade-pensada.

Cidade-criada.

Cidade-produzida.

Das cidades, de tudo fica um pouco.

Cada pouco uma cidade da mesma cidade.

De todas elas fica um pouco.

Um pouco em nós.

Um pouco na cidade.

Um pouco das cidades da cidade.

Fica um pouco da mesmicidade.

Mas fica também um pouco da alteridade.

Da diferença.

Das possibilidades que cada pouco da viabilidade.

Das cidades e de nós, de tudo fica um pouco.

E esse pouco, aos poucos, se faz presente em nossas pesquisas.

Em nossos textos.

Em nossas linguagens.

Em nossas grafias de mundo.

Em nosso dizer-cidade.

Um dizer-cidade que é encontro momentâneo de vários poucos cidadãos que nos constituem.

Formamos aos poucos as infinidades de poucos, que são mistura, união, junção, relação de tantos poucos que ficam na cidade, da cidade, que formam-cidade.





ENSAIO-POÉTICO-GEOGRÁFICO

Rua Dr. Olívio Lira

(Antes de grafar, lê (corpo, rua, mundo))

Quase sempre vou a livrarias sem um livro definido para comprar. Vou à procura de algo, um garimpo, desejo de ser surpreendido. Vou às prateleiras de temas que me interessam e olho cuidadosamente a lombada de livro por livro. Nunca, porém, estão organizados uniformemente. Sempre é um exercício corporal de inclinar a cabeça para a esquerda, inclinar a cabeça para a direita, retornar à esquerda. Curvar o corpo um pouco mais, para as prateleiras mais baixas. Movimento semelhante ao feito por mim ao ler o livro *O Torcicologologista, Excelência*, do escritor português Gonçalo M. Tavares, com seus provocantes diálogos, intercessores desse ensaio-poético-geográfico. Conversas que me fazem [re]pensar mais do que é ali debatido (as vezes parecem conversas comigo mesmo). Diálogos curiosos, intrigantes, envolventes, provocativos. Por vezes me pego suspendendo o olhar do livro e repetindo o gesto da livraria, pensando no que li. Esquerda, direita, esquerda, direita, como se mudasse a perspectiva, o ângulo de visão, a exposição corporal. Um diálogo tão imersivo que reverbera em todo o corpo a torção que causa em nosso pensar.



Libreria

- Você sabe ler?⁵
- *O quê?*
- Como assim, o quê?
- *O que você quer saber se eu sei ler?*
- Leem-se só palavras, não?
- *“Falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida”⁶.*
- A vida?
- *Sim. “Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta”⁷ do nosso corpo.*
- Do corpo?
- *Sim.*
- Não seria do olho?
- *Em grande medida, o olho exerce essa função, porém, e as pessoas que leem com as pontas dos dedos? As pessoas que sabem ler braille?*
- ...
- *E não só isso. Falo de uma leitura com o corpo, não por poder deslocar essa ação para outros sentidos, além do olho, digo, pois entendo que esse exercício é feito com todo o corpo, de forma integrada, e não somente com um sentido em específico.*
- Quando estou lendo um livro, uso apenas a visão.
- *Você ainda está muito apegado às palavras. Olhe ao redor e leia esta praça.*
- Não há palavras aqui.
- *Faça o mesmo exercício de quando abre um livro.*
- ...
- ...
- ...

⁵ Neste Ensaio-Poético-Geográfico, as referências das citações serão colocadas como notas de rodapé.

⁶ (COUTO, 2011, p. 103)

⁷ (COUTO, 2011, p. 103)

– *As palavras fazem parte de um tipo de linguagem, mas existem outras formas de se expressar, outras línguas, signos, sistemas de códigos. Ler um livro e ler esta praça são movimentos muito parecidos. Quando está lendo um livro, o que você está fazendo?*

– Tentando “compreender o pensamento, as ideias, o conteúdo ou a informação que há no texto”⁸, o que o autor quis dizer com aquelas palavras organizadas daquela forma.

– *Essa é uma forma de pensar a leitura.*

– Uma?

– *Sim.*

– Então podemos ler não só os livros, como esta praça, de formas variadas?

– *Gosto de pensar a leitura como um exercício de se pôr “entre a organização dos valores do texto, sob a forma de um universo simbólico, e a autonomia de uma liberdade que não se deixa parar por nenhum objeto”⁹. Ler não como procurar algo, um desvelar do que o autor, ou alguém, quis ou quer dizer, um movimento das palavras para trás, e sim como criação, produção de algo novo a partir de nossa interação com esses signos. Como por exemplo, ler esta praça a partir de nossa relação com o que aqui há. Um movimento para frente.*

– Para frente?

– *Sim. Um leitor que “experimenta. Embaralha os códigos, produz linhas de fuga para não morrer sufocado pelas significações que ditam aquilo que se deve sentir ou imaginar”¹⁰. É um processo em que nos expomos de modo a nos deixar afetar pelos signos e pelos contextos que determinadas organizações, disposições, criam. Um momento em que é tensionado o que já sabemos, o que já dizemos e assim, nessa mistura, produzimos algo novo, uma leitura sempre nova. Algo que não é o que o autor quis dizer, nem o que eu já sabia falar.*

– Ler, então, é um processo em que o leitor “deixa de lado aquilo que já está traçado de antemão, [e] carrega seu corpo com palavras que ainda não disse...”¹¹, com

⁸ (LARROSA, 2003, p. 108)

⁹ (LINS, 2010, p. 62)

¹⁰ (LINS, 2010, p. 58)

¹¹ (SKLIAR, 2014, p. 71)

organizações dessas palavras que ainda não fez, com contextos e situações que ainda não viveu, não leu, não experimentou?

– *É um processo em que nos abrimos a sermos afetados pela linguagem, seja ela qual for. Desse afetamento, dessa relação, criamos significados para aquela organização de signos à qual nos expomos.*

– Então não nos manifestamos “a favor ou contra, mostrando ~~seu~~ [nosso] acordo ou desacordo, dizendo sim ou não”¹²?

– *Deixamo-nos afetar, na condição de “um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar”.*¹³

– ...

– *O leitor “se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”¹⁴. Pela forma como se abre as possibilidades. Ler para nos transformarmos, para variarmos, mobilizar-nos e não reafirmarmos uma posição, permanecermos estáticos.*

– Então sua proposta é “ler como tranquilidade, detidamente, sem apuro; livrar-se daquele eu que lê e daquilo que já se sabe; evitar a busca da lei no texto”¹⁵?

– *Evitar a busca da lei no texto.*

– *Evitar a busca da lei nesta praça também?*

– *Evitar a busca da lei nesta praça também.*

– Mas então um texto, esta praça, ou qualquer outra coisa que lemos, não terá um sentido único?

– *Não terá um sentido único. “Talvez na escrita as palavras pareçam estátuas. Porém, na leitura, essas mesmas palavras são dançantes, estranhos turbilhões que não arrasam: dançam”¹⁶, movimentam-se, executam movimentos próprios, oscilam.*

– As palavras dançam?

¹² (LARROSA, 2003, p. 109)

¹³ (LARROSA, 2015, p. 25)

¹⁴ (LARROSA, 2015, p. 25)

¹⁵ (SKLIAR, 2014, p. 71)

¹⁶ (SKLIAR, 2014, p. 59)

– *Dançam e nos fazem dançar, porém, como disse, isso depende da intenção de mobilização do nosso corpo.*

– Então, ao ler, dançamos?

– *Ao ler tiramos os signos para dançar. Ora nós conduzimos a dança, ora somos conduzidos. Ora são nossos movimentos que designam os passos, ora nos deixamos levar pelas sutilezas e ações de nossos parceiros.*

– Cada leitor, então, conduzirá a dança a seu modo?

– *Cada leitor terá seus movimentos, sua forma de condução, o que afeta a forma como os signos também conduzem. É um envolvimento, um entrelaçar, uma troca mútua de sensibilidades. Tanto o leitor como os signos são movimento, abrem-se ao movimento, transformam-se nesse movimento.*

– Os signos são modificados?

– *Os significados são transformados. Ou melhor, delinea-se um significado a partir da relação, para aquela relação.*

– Então uma palavra pode ser o que o leitor quiser?

– *O leitor tem autonomia na criação do sentido. Ele pode inundá-lo de personalidades. Cada signo ou conjunto de signos pode ser lido de modo a entrelaçar seu “comum partilhado e partes exclusivas”¹⁷. O leitor particulariza o comum, detalha, dá contornos, cria especificidades, faz suas memórias, experiências, marcas, conhecimentos, características ressoarem no que lê.*

– Ler é inundar o comum de particularidades?

– *Essa é uma forma de pensar a leitura. Uma ação paradoxal em que temos “simultaneamente a continuidade e o começo, a repetição e a diferença, a conservação e a renovação”.¹⁸*

– Nesse caso, para ler esta praça, igual pediu, tiro-a para dançar, criando movimentos entre o comum e minhas individualidades, fazendo ecoar peculiaridades, aspectos, qualidades que me formam até aqui, criando começos, diferenças em suas continuidades, em suas repetições?

– *Exatamente. Penso que ler é esse exercício de desobediência.*

¹⁷ (RANCIÈRE, 2005, p. 15)

¹⁸ (LARROSA, 2017, pos. 212)

– Desobediência?

– *Sim. Ao pensar a leitura não como forma de acesso à informação, de juntar mais informação, de estar mais informado e experimentá-la como exercício de criação, de transformação, estamos marcando que recusamos uma língua estável, uniforme, vazia, desumanizada, sem ninguém dentro. Desobedecemos, pois recusamos a leitura como imposição e a entendemos como proposição, abertura, como potência criativa.*

– Não o move, então, uma leitura carregada do que devemos entender, sentir, dizer, saber, fazer? Uma leitura de mão única.

– *Não. Às vezes é preciso esse movimento de “problematizar o evidente, de converter em desconhecido o demasiado conhecido, de devolver certa obscuridade ao que parece claro, de abrir uma certa ilegibilidade no que é demasiado legível”¹⁹, assim como ocorre na poesia.*

– Quer dizer que “estar no mundo e estar na poesia talvez suponham, desse modo, algo parecido: desestimar qualquer ideia ou vestígio de normalidade, de hábito, de encolhimento de ombros que significa que *as coisas são assim mesmo*”²⁰?

– *Exatamente. Gosto da liberdade, da desobediência, da criatividade da leitura poética. Gosto de ler como quem lê poesias.*

– Mas nem tudo é obra de poetas.

– *A questão é o eu que leio, é como nos expomos a essas relações. Gosto de me pôr na condição de quem lê uma poesia porque, em grande medida, “o poeta não ensina a olhar, mas tenta oferecer, como insistência e desespero, a possibilidade de olhar de modos sempre diferentes” cada vaivém do balanço, giro do gira-gira, frio na barriga ao ser lançado ao alto pela gangorra; ou seja, não cria regras e sim potencializa variações, potencializa a dança. Em seu bailar com as palavras, não há encolhimento de ombros. Sua organização de signos já é um desestimar de normalidade, desobediência do habitual, processo que ele inicia na linguagem e que, dependendo da intenção de descoberta do nosso corpo, continua em nós.*

– Então podemos nos valer dessa sensibilização da poesia em outras linguagens, para ler outros conjuntos de signos.

¹⁹ (LARROSA, 2017, pos. 170)

²⁰ (SKLIAR, 2014, p. 149)

– *Acredito que sim. Pelo menos é isso que tento fazer.*

– *Posso fazer desta praça poesia, então?*

– *Depende apenas da intenção de descoberta do seu corpo.*

– *Ainda estou um pouco confuso com essa questão do corpo.*

– *Nenhum dos sentidos é isolado, apesar de participarem de forma distinta na construção das significações. Eles se complementam, potencializam um ao outro, entremeiam sensações, dizem e agem juntos. Uma rua não é somente uma via pública pela qual passam automóveis e pessoas, é também o som desses carros, as conversas das pessoas, os cheiros dos comércios, restaurantes, lanchonetes, lixos, poluição, perfumes, flores que nos arrebatam ao longo do nosso caminhar. É o calor, a brisa, a garoa, as texturas, os esbarrões que tomamos nas calçadas apertadas. Os salgados, almoços, lanches, o café ralo, a água gelada, a cerveja quase congelada no início da noite. Uma rua é mais do que um sentido pode dizer e muito mais do que a união das sensações desses sentidos. É como tudo isso convive, se relaciona, interage, se mistura, coexiste e ganha sentido em nós e para nós ao experimentarmos não só uma rua, mas um texto, música, obra de arte, filme, enfim. Entendo que ler é esse processo de exposição para ser afetado, e nessa ação vamos dando sentido ao que nos acontece, vamos criando movimentos com os signos, escolhendo quais passos comporão nossa coreografia, nossa geografia, nossa “corpografia”.²¹*

– *Mas nem todos os movimentos entram nessa construção?*

– *Não. Nem todos os que sabemos e criamos nessas relações, nem todos os possíveis, pois, como já dissemos, pessoas diferentes farão passos diferentes ou até mesmo executarão os mesmos passos com outras nuances. É a questão da diferença na repetição, do começo nas continuidades de que falávamos. Nenhuma leitura abarca tudo e essa é a graça, essa é a potência, pois podemos sempre nos relacionar com algo “como se fosse pela primeira vez, porque, a cada uma, algo da ordem do inédito atravessa a percepção e muda a pronúncia”²², a cada vez a possibilidade de não encolher os ombros é renovada. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso corpo.*

²¹ (QUEIROZ FILHO, 2018)

²² (SKLIAR, 2014, p. 24)

– Então “a questão a ser indagada é sobre o si mesmo, o problema é o nós mesmos, cada vez que o igual, o comum, o normal são pronunciados como origem e centro do universo”²³?

– *Acredito que sim. É um constante esforço que cabe a nós, em nós mesmos. A questão é como entendemos a leitura e o que lemos, como nos pomos nessa relação.*

– ...

– *Vamos lá, faça o exercício. Leia esta praça onde estamos conversando.*

– Posso dizer que ela é retangular na forma, tem três canteiros com arbustos e flores, sete bancos, um parquinho com três balanços, um gira-gira, duas gangorras, um brinquedo que é um emaranhado de ferros que se cruzam, do qual eu nunca soube o nome, uma bocha, enfim, muito do que há em muitas praças.

– *Sua leitura está muito informativa. Não parece uma dança a dois. Não vejo seus movimentos, seus passos, seu bailar.*

– Mas é o que vejo.

– *O que leu é o comum, o que todos veem. A leitura que me move e que estou provocando a fazer, lembra, depende da intenção de descoberta do corpo, do movimento de particularização deste comum. Apesar de tudo o que há aqui ser parecido com o que há em tantas outras praças, é esta, especificamente esta, que semanalmente frequentamos. Não foi no emaranhado de ferros desta praça que deu seu primeiro beijo?*

– Verdade. Lembro-me muito bem. Foi num dia em que nossa turma foi liberada mais cedo, a praça estava vazia, apenas com os senhores jogando bocha. Viemos para cá e bem no meio deste emaranhado de ferros nos beijamos. Lembro-me de ter ficado com medo, feliz, vermelho, nervoso. Sempre que venho a esta praça e olho para este brinquedo, lembro-me desse momento.

– *Agora já consigo vê-lo nessa leitura.*

– Já vivemos muita coisa nesta praça.

– *Sim, é tudo isso você carrega consigo quando a lê. Por que falar apenas do que vemos, de forma distante, uma espécie de descrição quantitativa da praça?*

²³ (SKLIAR, 2014, p. 162)

– Não sei, talvez por costume.

– *Pois precisamos nos acostumar a desacostumar dessa língua, dessa fala. Não que seja ruim ou errada, mas não tem ninguém dentro, é sem personalidade, distante. Gosto mais da leitura carregada de afetos, memórias, detalhes qualitativos. O frio na barriga de ser lançado ao alto pela gangorra é diferente para cada um. Ao entender a gangorra apenas como um brinquedo qualquer, que há em várias praças, acabamos deixando de lado tudo que nos liga afetiva e emocionalmente às gangorras desta praça. Por exemplo, de qual balanço você gosta mais?*

– O do meio, claro.

– *Mas qual é a diferença dele para os outros?*

– No meio é melhor para ver quem está indo mais alto, pois fica mais fácil comparar.

– *Percebe que o que diferencia dois balanços é algo do sensível, criado a partir da sua relação com eles, pois eles balançam igual, são feitos do mesmo material, tamanho, tudo?*

– ...

– *Gostei mais também da sua feição alegre, saudosa, feliz, de quando perguntei pelo seu primeiro beijo, não precisava falar nada para eu saber que foi um momento marcante para você, seu corpo expressou antes mesmo de suas palavras chegarem. Palavras ditas a partir do seu corpo, a partir dos afetos que nele foram inscritos, que nele ficaram marcados.*

– Mas não foram só momentos bons nestes ferros. Lembra-se de quando caí lá de cima e quebrei o braço? Tinha chovido de madrugada, a areia estava batida dos pingos da chuva, as barras ainda estavam úmidas e quando estava chegando lá no topo, minha mão escorregou. No ímpeto da queda, coloquei meu braço para amortecer e ele acabou torcendo.

– *Lembro sim, eu saí correndo, gritando socorro, os senhores que estavam jogando bocha, todos vieram depressa ajudar. Vieram ambulância, crianças, os senhores, todos curiosos, juntou foi gente nesta praça aquele dia.*

– Você saiu desesperado mesmo. Estava caído, com dor, mas me lembro de rir de desespero e do tanto que você gritava.

– ...

– Olho para esta praça agora, já não tão bem cuidada, os couros dos balanços desfiados, as gangorras todas frouxas, os ferros com vários locais enferrujados. Não se tem mais tanta alegria como já houve. As crianças aos poucos estão daqui sumindo. A relação, a leitura delas desta praça, não será como a nossa, como a minha.

– *Mas é isso, ler é uma relação que se modifica a cada [re]leitura. “Entre a primeira e a segunda leitura, entre a segunda e as seguintes, acontece a diferença. Uma diferença que dá ao ler, como ao significar, sua emergência, sua formação, o sentido separado de seu objeto”.*²⁴

– É isso, realmente, uma experiência de alteridade, diferente para cada criança, para cada senhor da bocha, para cada vez que eu venho aqui.

– *Essa é uma forma de pensar a leitura.*



²⁴ (SKLIAR, 2014, p. 85)

ENSAIO-POÉTICO-GEOGRÁFICO

Rua Piratininga

*(Cidade quando transborda sorrisos
corpoletrais)*

Sou um profundo admirador de sorrisos. De todos eles. Dos mais tímidos, dos escancarados, das gargalhadas, dos que escapam, sorriso de quem está embaçado, apaixonado, o à toa, sorriso de reencontro, compartilhado, enfim, são muitos, e gosto de todos eles. Quase nunca passo ileso a um sorriso, é contagiante, quando dou por mim, estou rindo também.

Tenho em minha casa um box da Poesia Completa do poeta-menino-pantaneiro Manoel de Barros, da editora Leya. Uma das faces da caixa é uma foto sua, em close, preto e branco, com um delicioso sorriso. Não sei dizer quantas vezes já olhei para o poeta rindo e ri junto. Não sei dizer quantas vezes me perdi lendo Manoel sorrir. Às vezes, rindo de mim, outras, rindo comigo. Seu sorriso, facial e lettral, são os intercessores deste Ensaio-Poético-Geográfico. Aprendi com o poeta a deixar a felicidade peralta entrar nas palavras, e assim, afetado por essa alegria manoelesca, me coloquei a escrever.

Passarinho parou de cantar.
Essa é apenas uma informação.
Passarinho desapareceu de cantar.
Esse é um verso de J. G. Rosa.
Desapareceu de cantar é uma graça verbal.
Poesia é uma graça verbal.

Sorriso

²⁵ Foto tirada pelo autor da página 404 do livro Poesia Completa / Manoel de Barros. Leya, 2010.

I.

Escritos fragmentários

Risos soltos

Não se encerram neles

Seus pontos finais são tomadas de fôlego para continuar gargalhando

Textos produzidos a partir dos meus encontros com Manoel de Barros

Escritos a partir daí

Sorrisos a partir daí

Porque não se ri sozinho

A alegria é sempre com o, por conta do e a partir do outro

Alguém ou algo que nos afeta de alegria

Não que seja função somente de um

Mas, como já dizia a canção: “é impossível ser feliz sozinho”²⁶

Por isso sigo em busca de encontros

Por isso, sigo escrevendo

Risos, fragmentos

Em busca de alguém

Que ria conosco

II.

Manoel de Barros era exímio em se desorientar

Se encontrava no perder-se

Essa era sua alegria

Se perdia nos sentidos, nos significados, nas normas, nas regras

De tanto se perder, achou as palavras

Lá bem longe da gramática

Lá onde elas eram apenas ajuntamento de letras

Desde então, ele fez várias composições para ver como elas poderiam ser usadas

Foi trabalho de uma vida

Nunca chegou a um consenso

Preferiu continuar sempre descobrindo

²⁶ Frase presente na canção Wave de Tom Jobim

III.

Acredito que o sorriso era um dos maiores companheiros de Manoel
Tanto que o carrega em quase todas as suas fotos
Não um sorriso de quem faz pose para uma fotografia
Era algo mais aconchegante, envolvente, encantador
Um sorriso de quem se diverte com o desenrolar cômico de uma peraltice
Aliás, essa é a impressão que tenho
De que o poeta está constantemente rindo das caras, bocas, surpresas,
sorrisos, suspiros, testas franzidas, olhares perdidos, desviados
E tantas mais sensações que suas desinvenções nos fazem experimentar

IV.

Imagino que Manoel escrevia rindo
Escrevia seu riso
Frases gargalhantes
Gargalhadas prolongadas em poesias
Poesias fecundas de alegrias

V.

Percorro a alegria achegado a Espinoza
Percurso intensivos aumentativos de nossa potência de agir
Avolumadora de processos criativos
Processos estes que Manoel era graúdo
Saturado
Tanto que transbordavam em sorrisos
Faciais e letrais

VI.

Dos transbordos manoescos me alimento
Torno parte de meu corpo
Percorrendo diversos caminhos
Intensivos, sensíveis, experimentativos

São processados, transformados, quebrados
divididos, absorvidos, misturados
Os fragmentos seguem vias distintas
Podem até se cruzar hora ou outra
Viram energia, movimento, força, combustível
Viram afetos, sorrisos, alegrias, geografias.

VII.

Manoel começou com a ponta do seu lápis: “Poesia é voar fora da asa”²⁷
No trombo com tal começo, me encantei
Queria artesaniar uma geografia, como o poeta compõe seus escritos
Empanturrado de alegrias, sorrisos, criações
Deslimites, invencionices, infancionices
Uma geografia acontecida de encantamentos
Onde essa revoada poética tivesse infinitudes

VIII.

Gosto da geografia que tem alguém dentro dela
Alguém que faz questão de existir nesse modo de fazer
Que não imita, cria
Que não informa, se encanta
Que não replica, complica
Que não se aquieta, se inquieta
Sou apegado as geografias dos desassossegados

IX.

Geografia é meu modo de fazer
Meu modo de dizer
De criar
Imaginar

²⁷ (BARROS, 2010, p. 302)

Os encontros desse processo
Me incompletam de alegrias

X.

Tenho riqueza de variação
Minha alegria é sorrir sempre com o diferente
Gargalhadas criativas
Nunca é riso só
É sempre acontecimento coletivo
Momento dividido
Transbordo sensível

XI.

Faço geografia como quem produz um caderno de rascunhos
Os esboços que mais estimo são os cidadãos
Experimento de um jeito
Depois troco algumas coisas
Tento novamente
recomeço
E assim sigo
Rabiscando
Desde que comecei esse processo, apenas uma certeza fica
Nunca conseguirei passar a limpo
Já entendi que sou inquieto de incompletudes

XII.

Tenho feição por grafia de mundo com jeito de cidade
Não aquelas apressadas, velozes, impessoais
Prezo as que se criam na vagarosidade de um caminhar de bengala
As que começam na gangorra de um parque
Quando duas imaginações, que não se conhecem,

Se encontram para o divertimento
Aquele que pode se transformar por completo ao virarmos a página
Ao dobramos a esquina
Ao colocarmos um ponto ou uma vírgula
Aquele que toda manhã espera a gente acordar para decidir como se comportar

XIII.

A cidade pode ser uma imensidão de alegrias
Depende da exposição
De quem nessa relação está se abrindo a ser visitado
Minha geografia já nem mais portas tem
A cidade passeia pelas suas intensidades
Me descobre de plural
e se diverte ao descobrir coisas sobre ela que nem mesmo imaginava

XIV.

Certa vez um professor me apresentou o “quando”
Só sabia de “é”
Desse acontecimento fui variado
O “quando” me adverbiou,
Modificando verbos, intensificando e qualificando adjetivos
Acrescentando características, individualidades
contextualizando minhas experiências
Agora, vivo a escrever os quandos
Que a todo momento se modificam-me

XV.

A cidade é's
Por isso preciso do quando
Para saber qual “é” estou experimentando
Para saber de qual “é” estou escrevendo

Se estou dizendo de quando ela é encontro
Quando ela é lentidão
Quando ela é rapidez, velocidade
Quando ela é impessoalidade
Quando ela é sensibilidade, intensidade, afetividade
Quando ela é...
Não que estejam todos assim, separados, organizados, estruturados
A cidade é's, tudo junto, coexistindo
Mas, confesso, tenho preferência por alguns é's
A eles dou mais atenção
Eles são mais engraçados

XVI.

Tentei perenizar um sorriso
Mas, com o tempo, ele foi ficando forçado, sem graça
Descobri que o único jeito de lhe dar lonjura é partilhando-o
Usar sua potência de contágio
Minha grafia de mundo tenta ter esse feitio

XVII.

Que graça tem uma cidade definida?
Gosto de quando ela é parquinho
Que vamos para brincar
A cada dia, amigos novos
Brincadeiras novas
Relações outras
Mesmo sendo o mesmo balanço, gangorra, gira-gira, escorregador

XVIII.

Quando se trata de cidade
Sou míope
E não faço questão de usar óculos

Sempre tive encanto em ver de perto
porque posso ver com o corpo

XIX.

Das cidades que me passaram

Nenhuma consegui colocar no papel

Sempre viraram outras em meio as palavras, frases, parágrafos

Por isso, não tenho pretensão de que elas fiquem inertes ao serem lidas



Rua Diógenes Nascimento das Neves

(possibilidades, eventualidades, [re]começos)

Venho quando da saudade,

Não posso, nem quero e
consigo ficar muito tempo
sem aqui retornar.

Faz parte do que sou, de
quem sou e de como sou.

Os afetos aqui são moradas

Frequento constantemente, mas,

A cada vez que aqui retorno,

Várias entradas e saídas.

São muitas em uma só.

São muitos em uma só.

Quantas casas a gente cria,
inventar, produz, constrói ao
longo do tempo?

Um Convite
Aos [re]começos

Casa dos Pais



“Repetir é um modo de provocar diferenças, em primeiro lugar, e não um modo de reiterar o mesmo, ser repetitivo ou insistente, submeter o leitor a uma “mesmice” ou um déjà vu. Ou seja, não se trata de dizer ‘de novo’, mas sim, dizer ‘o novo’, ainda que travestido de ‘o mesmo’: a mesma palavra, a mesma expressão, a mesma estrutura, o mesmo som” (MALUFE, 2017, p. 163).

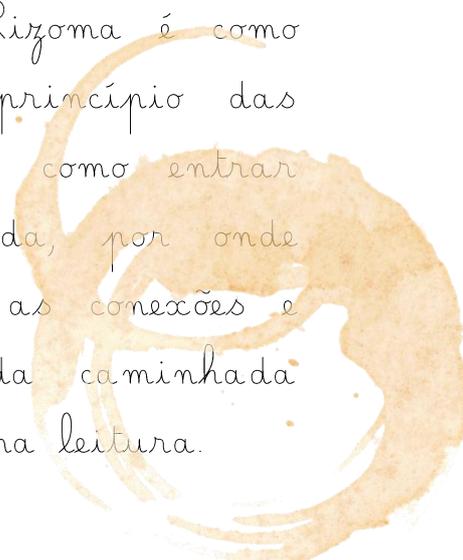
Casa dos Pais



“COMO SE ENTRA NESTA TESE?”

Essa é uma apropriação da pergunta feita por Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro *Kafka para uma literatura menor*, em que começam questionando: “Como é que se entra na obra de Kafka?” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 19). Pode ressoar, a princípio, como pergunta de quem procura uma resposta assertiva, a correta dentre as erradas, porém essa questão não entoa procura, busca, e sim dúvida. Dúvida de quem está diante de possibilidades, todas elas viáveis, capazes de serem vividas.

O que está em jogo em cada escolha é “com que pontos se liga por onde se entrar, por que cruzamentos e galerias se passa para ligar dois pontos, qual é o mapa do rizoma e como é que este, de repente, se modifica se se entrar por qualquer outro ponto” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 19). Rizoma é como Deleuze e Guattari adjetivam esse princípio das entradas múltiplas. Cada escolha de como entrar afetará a trajetória a ser percorrida, por onde passará, a experiência do percurso, as conexões e relações ao longo do deslocamento, da caminhada textual. Modificará a experiência da e na leitura.



Um rizoma opera impedindo "a entrada do inimigo, o Significante, e as tentativas para interpretar uma obra que, de facto, só propõe a experimentação" (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 19). Essa é a proposta, experimentar este texto. Testá-lo em sua potência de criar possíveis. Outros possíveis. Outros possíveis para a organização de palavras que é este texto, para a cidade que é problematizada neste, com este e a partir deste texto, para a geografia que é meu modo de fazer.

A cada entrada, a cada novos cruzamentos produzidos por quem lê, o texto é reescrito, é remontado, continua a ser construído, a tornar-se outro.

Por isso a escolha da entrada não é definitiva, irrevogável. O ponto de interesse da pergunta não é o "como" e sim o "entrar", a ação de se expor, colocar-se em relação, contato. Entre quantas vezes quiser e por quantas entradas desejar. Experimente. Cada vez que entrar, mesmo que seja pela mesma via, o texto não será o mesmo, você não será o mesmo, os caminhos conexões, cruzamentos serão outros. Será sempre [re]começo. Repetição que não reitera o mesmo, potencializa a diferença.

Não sabemos a priori quais afetos serão agenciados em cada entrada, pois "a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para

o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem 'pré-ver' nem 'pré-dizer'" (LARROSA, 2015, p. 34). Por isso experimentar, se expor, pois nosso interesse é em um conhecimento, um pensar, um processo de significação que vai sendo produzido na ação, relacional. Uma experimentação com o, no e do texto, e de si mesmo. Afetar e ser afetado.

Por isso, esta tese é convite, mas também, é partilha. Foi escrita a partir de locais que, para mim, se fazem moradas, habito, provocam memórias e afetos. É importante dizer que este não é um trabalho sobre esses locais, e sim, escritos a partir deles, textos produzidos por um corpo afetado, tomado, composto, atravessado também por essas moradas. Escrita produzida como experimentação dessas relações, dos encontros que ali foram e são oportunizados.

O professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo Alexandre Delijaicov, em uma palestra, disse que "a cidade é a casa e a casa é a cidade [...] Não tem sentido achar que a casa se restringe às quatro paredes e um teto, à soleira da porta" (DELIJAICOV, 2013). Casa é onde escolhemos habitar, onde escolhemos permanecer fisicamente, afetivamente, sentimentalmente, onde temos ligação sensível. E assim são as aqui dispostas. Casas de alguma forma ligadas a mim, que as ocupo, que nelas

resido. Não só as que dão nome aos capítulos, mas as que lhes dão densidade, robustez, conteúdo.

Habito, portanto, endereços, livros, textos, artigos, palavras, autores, gestos, geografias, sentimentos, pessoas, memórias, corpos, enfim, um habitar plural e múltiplo. Todos se fazem casa, todos eu faço casa. Se a casa é a cidade e a cidade é a casa, todos esses carregam a possibilidade de experimentações urbanas, a eventualidade de um encontro citadino. Todos esses podem me afetar de cidade. Encarnam uma entrada para um fazer cidade.

Cada parte desse texto, então, é um fazer-cidade criado nessas, com essas e a partir dessas relações, caminhos, conexões, afetos que essas entradas potencializam em mim e para mim.

Cada parte desse texto é, então, uma grafia de mundo criada nessas, com essas e a partir dessas relações, caminhos, conexões, afetos que essas entradas potencializam em mim e para mim.

A Casa da Lorena com seus gestos, encontros, geografias. A Sala do Grupo de Pesquisa (Rasuras) composta de experiências, cidades, polifonias. O ensaiar, partilhar e o transformar que a Casa da Vó agencia. A Cafeteria e seus estímulos sensíveis e inquietantes como o livro *Por Uma Geografia Bailarina*, do professor Queiroz, e as poesias e geografias que nele são entrelaçadas. A livraria com seus movimentos

corporais, como a leitura do livro *O Torcicologologista, Excelência*, do Gonçalo M. Tavares, com seus diálogos e torções no pensar. Os Sorrisos faciais e letrais de Manoel de Barros. A casa dos Pais com suas possibilidades, eventualidades, [re]começos. A Cidade(s) com sua pluralidade, multiplicidade, infinitudes de histórias até agora, de conexões feitas e que ainda podem ser realizadas.

Essas são partilhas de minhas experiências, como esses entrelaces me acometeram, transformaram-me. Quem as lê pode tomá-las para si, podem torná-las próprias. Não como modelo, manual, em busca de resultados semelhantes, mas como potência de variação. Tornar uma experiência própria está associado a repetir um processo criativo, porém os percursos, conexões e caminhos que serão percorridos serão outros, pois eles são resultantes da relação entre o sujeito da experiência e um acontecimento.

O que há aqui diz da escolha de escrever uma tese para ser rizoma e, com isso, configurar entradas múltiplas a serem experimentadas. No texto *A Escrita Rizomática*, Daniel Lins inicia dizendo que "o rizoma faz o múltiplo, mais do que o anuncia" (LINS, 2012, p. 8); ou seja, sua potência está na produção, na criação dessa pluralidade, ele é um operador de variações. Sua força está na ação de produzir diferenças.

Dessa forma, cada escolha de entrada dessa tessitura- rizoma, mudarão os caminhos que se passa, porque se passa, como se passa. Apostamos, pois, que essa “ abertura é a força maior da partilha” (LINS, 2010, p. 57). O intuito é experimentar um texto aberto, que, apesar de uma provisória finalização, continue a partir do encontro com cada leitor.

Pensar em como se entra nesta tese, então, é um convite a experimentá-la em suas variações e experimentar-se nesse processo. A experimentar e experimentar-se com, nos e a partir dos variados fazeres citadinos e se expor a criar outros a partir desses encontros, leituras, afetos que são mobilizados em cada entrada.

Um convite a estar disponível a percorrer caminhos outros, cidades outras, geografias outras, a percorrer e ser percorridos por um outro, na condição de outro, de diferente, de diferença. Um convite a fazer da inquietude, do desassossego, da variação, parte de nós mesmo, de compor nosso modo de fazer com essas forças, para que nosso dizer seja sempre transitivo, relacional, criado a partir do entre de um encontro.



BIBLIOGRAFIA

“Penso que o interessante seja precisamente navegarmos entre essas duas margens, conscientes de termos um projeto criativo próprio [...], mas querendo deixá-lo aberto e indeterminado. Então, o que irá velejar será a coerência interna entre as coisas que se encontram e as que se criam, entre aquelas que aconteceriam e as que se fazem acontecer, a descoberta contínua de uma ordem escondida que vemos nascer sob os nossos olhos-pés, a possibilidade de construir um sentido de uma história-rota coerente e compartilhada” (CARERI, 2013, p. 172)



Cidade (s)

ADORNO, Theodor. W. O ensaio como forma. In: **Notas de Literatura I**. Tradução: Jorge De Almeida. [s.l.] 34, Coleção Espírito Crítico, 2003. p. 15–45.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. Tradução: Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

_____. **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação**. Tradução: Bruno César Cavalcante; Tradução: Maria Stela Torres B. Lameiras; Tradução: Yann Hamonic. 1ª ed. São Paulo; Alagoas: Editora Unesp; Edufal, 2015.

ASPIS, Renata Lima. Resistência e Confabulação. In: **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ ; De Petrus ; Brasília, DF: CNPQ ; Campinas ALB, 2011. p. 63–74.

AZEVEDO, Livia Godinho Neves Gomes. ÉTICA DA ALEGRIA E DO ENCONTRO: DIALOGOS ENTRE DELEUZE E ESPINOSA. **O Manguezal — Revista de Filosofia**, v. 1, n. 2, p. 50–62, 23 jun. 2018.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BRITO, Maria dos Remédios de. Notas Sobre a Ideia de Intercessores como um Conceito na Filosofia de Gilles Deleuze: por um teatro filosófico. **Alegrear**, v. 11, jun. 2013.

CAIAFA, Janice. COMUNICAÇÃO E DIFERENÇA NAS CIDADES. **Lugar Comum**, n. 18, p. 91–102, 2009.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. Tradução: Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

_____. Comunicação entre corpos e metrópoles. **Signos do Consumo**, v. 1, n. 1, p. 8–20, 2009.

CARERI, Francesco. **Walkscape: o caminhar como prática estética**. Tradução: Frederico Bonaldo. I ed. São Paulo: G. Gili, 2013.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse Africano?: e outras interinvenções : Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. O ato de criação. in: **Folha de São Paulo**, p. 15, 27 jun. 1999.

_____. **Diferença e Repetição**. Tradução: Luiz Orlandir; Tradução: Roberto Machado. 2ª edição ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Lógica do sentido**. São Paulo (SP): Perspectiva, 2009.

_____. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução: Mariana de Toledo Barbosa; Tradução: Ovídio De Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: para uma literatura menor**. Tradução: Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELIJAICOV, Alexandre. **A cidade - obra de arte coletiva**. . In: TEDX TALKS. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2MXOAO7OKO4>>. Acesso em: 5 ago. 2017

GALLO, Sílvio. **AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DO APRENDER...** . In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APREDIZAGEM E CURRÍCULO. 2012. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2020

HUR, Domenico Uhng. Poder e potência em Deleuze: forças e resistência. **Mnemosine**, v. 12, n. 1, 2016.

LARROSA, Jorge. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. **Educação & Realidade**, v. 28, n. 2, 1 dez. 2003.

_____. A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 1, p. 27–43, 1 jun. 2004.

_____. EXPERIÊNCIA E ALTERIDADE EM EDUCAÇÃO. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04–27, 2011.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução: Cristina Antunes; Tradução: João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. **Linguagem e educação depois de Babel**. [s.l.] Autêntica Editora, 2017.

_____. **Esperando não se sabe o quê: Sobre o ofício de professor**. Tradução: Cristina Antunes. [s.l.] Autêntica Editora, 2018.

LINS, Daniel. Por Uma Leitura Rizomática. **História Revista**, v. 15, n. 1, 10 ago. 2010.

_____. A Escrita Rizomática. **Polichinello**, v. 10, p. 7–13, 2012.

MALUFE, Annita Costa. A repetição em Beckett e Deleuze. **Eutomia**, v. 1, n. 20, p. 153–171, 2017.

MANGUEIRA, Maurício; BONFIM, Eduardo Maurício da Silva. Força versus representação: o legado de Nietzsche na filosofia de Gilles Deleuze. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 55, n. 130, p. 619–635, dez. 2014.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução: Hilda Pareto Maciel; Tradução: Rogério Haesbaert. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Breves notas sobre o corpo: um diálogo com Gonçalo M. Tavares e Os Espacialistas. **Revista GEARTE**, v. 4, n. 1, 2017.

MOSSI, Cristian Poletti. Teoria em ato: o que pode e o que aprende um corpo? **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. spe, p. 1541–1552, dez. 2015.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de; GIRARDI, Gisele. Geografias do artista quando coisa. Marcelo Moscheta e Manoel de Barros como intercessores geográficos. **Linha Mestra**, v. 0, n. 34, p. 18–34, 20 mar. 2018.

PINEDA, Dailza. Operação Ensaio: Por uma estética da resistência. **TransFormações em Psicologia**, v. 3, n. 1, 2010.

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada**. Rio de Janeiro, RJ: Aeroplano Editora, 2007.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. Desviando olhares: estéticas-políticas dos relatos de viagem / Diverting aesthetic and political glimpses from travel accounts. **Geograficidade**, v. 2, n. Especial, p. 104–114, 24 maio 2012.

_____. **Corporema: por uma Geografia Bailarina**. 1ª ed. Vitória-ES, 2018.

_____. **Do sensível, poesia: outros modos de grafar o mundo**. Vitória-ES: Milfontes, 2019.

_____. Nunca Estamos Pronto: reparar o corpo, prescrever geografias. In: **in: DOZENA, Alessandro. Geografia e Arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020. p. 61–93.

QUEIROZ FILHO, A. C.; DAMIANI, H. P.; BORGES, R. F. Rasuras e experimentações apontamentos sobre imagem-cidade-experiência. **ENTRE-LUGAR**, v. 4, n. 7, p. 67–85, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2005.

ROLNIK, Suely. O Mal-Estar na Diferença. **Anuário Brasileiro de Psicanálise**, v. 3, p. 97–103, 1995.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a Linguagem: educar**. Tradução: Giane Lessa. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SOUZA, Elton Luiz Leite de. **Manoel de Barros em um ensaio e uma homenagem** **São Paulo Review**, 21 ago. 2016. Disponível em: <<http://saopauloreview.com.br/manoel-de-barros-em-um-ensaio-e-uma-homenagem/>>. Acesso em: 1 set. 2021

_____. Manoel de Barros: a empoética terapêutica. **Guavira Letras**, v. 13, n. 24, p. 118–127, 2017.

TADEU, Tomaz. A Arte do Encontro e da Composição: Spinoza + currículo + Deleuze. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, p. 47–57, 1 dez. 2002.

TAVARES, Gonçalo M. **O Torcicologologista, Excelência**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

TELES, Annabel Lee. **Política afectiva: la inquietud por lo común en la ciudad – Espacio PensamientoEspacio Pensamiento**, 2018. Disponível em: <<https://epensamiento.com/?p=1203>>. Acesso em: 16 ago. 2021

VASCONCELLOS, Jorge. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia. **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1217–1227, dez. 2005.

